



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA BACHARELADO

ASSUCENA MARIA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES CHINESAS NOS CARTAZES DE  
PROPAGANDA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA: Um estudo comparativo  
das décadas de 1950 e 1980**

Recife

2023

ASSUCENA MARIA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES CHINESAS NOS CARTAZES DE  
PROPAGANDA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA: Um estudo comparativo  
das décadas de 1950 e 1980**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de História da  
Universidade Federal de Pernambuco,  
como requisito parcial para obtenção do  
título de bacharel em história.

Orientadora: Prof. Dr. Christine Paulette Yves Rufino Dabat

Coorientadora: Prof. Me Kerolayne Correia de Oliveira

Recife

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Assucena Maria da.

A representação das mulheres chinesas nos cartazes de propaganda da República Popular da China: um estudo comparativo das décadas de 1950 e 1980. / Assucena Maria da Silva. - Recife, 2023.

85 : il.

Orientador(a): Christine Paulette Yves Rufino Dabat

Coorientador(a): Kerolayne Correia de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Bacharelado, 2023.

Inclui referências.

1. Cartazes de propaganda. 2. República Popular da China. 3. Mulheres chinesas. I. Dabat, Christine Paulette Yves Rufino. (Orientação). II. Oliveira, Kerolayne Correia de. (Coorientação). IV. Título.

900 CDD (22.ed.)

ASSUCENA MARIA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES CHINESAS NOS CARTAZES DE  
PROPAGANDA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA: Um estudo comparativo  
das décadas de 1950 e 1980**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de História da  
Universidade Federal de Pernambuco,  
como requisito parcial para obtenção do  
título de bacharel em história.

Aprovado em: 28/09/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christine Paulette Yves Rufino Dabat (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Me Kerolayne Correia de Oliveira (Coorientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Me Anna Maria Litwak Neves (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariana Yante Barreto Pereira (Examinadora Externa)  
Coordenadoria de Estudos da Ásia da Universidade Federal de Pernambuco

Àquela que, mesmo em meio a tempestades, guiou o meu barco sob um caminho ensolarado.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Maria da Paz, que sempre esteve ao meu lado não apenas como figura materna, mas também amiga. Que, mesmo sozinha e enfrentando inúmeras dificuldades, lutou incansavelmente para que eu pudesse ter acesso à melhor educação. Meu maior exemplo de vida e minha maior incentivadora, que acredita nos meus sonhos mais do que eu mesma.

Às minhas orientadoras, que me levantaram e seguraram a minha mão ao longo dessa jornada. Sem as quais eu definitivamente não teria conseguido construir e concluir a atual pesquisa.

À professora Christine, que me deu o grande presente de ser minha professora, abrindo os meus olhos para os amplos caminhos da pesquisa e sempre incentivando o interesse de todos pelos caminhos de pesquisa em Ásia. A quem eu tenho a honra de ter sido orientada. Sua bondade, dedicação, sensibilidade e amor pela pesquisa são valores que me acompanharão para sempre.

À Kerolyane, uma das pessoas mais doces que já tive a felicidade de conhecer. Uma pesquisadora inspiradora, que através do seu olhar afiado e sensível para as artes visuais, guiou os meus próprios nesse trabalho. A quem eu igualmente tenho a honra de ter sido orientanda.

Em nome do saudoso Prof. Marcos Costa Lima e de minha amiga e grande pesquisadora Amanda Salvino, agradeço a oportunidade que tive de trabalhar por 3 belos anos no Centro de Estudos da Ásia (CEÁSIA-UFPE). Lugar onde pude conhecer pessoas diversas e inspiradoras, onde encontrei apoio incondicional para desenvolver meus estudos sobre Ásia, mas também descobrir-me em Design, oportunidade que me fez amadurecer pessoalmente e profissionalmente e que se tornou um ponto de virada na minha trajetória de vida.

Quero agradecer enormemente aos meus colegas e amigos de graduação Letícia, Cheyenne, Kimberly, Mylena, Willams, David e Luiz. Vocês foram a minha base durante os altos e baixos desses longos anos de formação acadêmica e pessoal. Seja com um recado escrito no caderno entre uma aula ou outra, com uma conversa na frente do CE após as aulas ou como companhia no caminho para casa no Rio Doce/CDU. Sem vocês eu também não teria chegado até aqui. Estendo o meu agradecimento a todos os colegas, professores, servidores e demais funcionários do Departamento de História que fizeram parte da minha formação.

Estendo a minha gratidão a todos os profissionais da educação que passaram por minha formação escolar e que permanecem em minha memória através de doces lembranças. Ao transmitir seu conhecimento, responder minhas mais diversas perguntas, corrigir meus erros, alimentar minha paixão pela arte, me fazer admirar o estudo das línguas e me incentivar a refletir e questionar a realidade, foram essenciais na construção do meu pensamento crítico, abrindo meus olhos para o mundo.

Agradeço a exímia profissional da psicologia Ana Paula Cunha, que também enfrentou esse longo caminho comigo e sem a qual eu não teria chegado aonde cheguei da forma que cheguei: confiante e mais resiliente.

Também agradeço à minha gatinha, Kiwi, que completa dois anos no mês em que defendo a atual pesquisa. Os dias, noites e madrugadas de escrita se tornaram mais leves em sua companhia.

Por último, mas não menos importante, agradeço às políticas educacionais brasileiras que permitem o acesso à educação superior de forma gratuita e universal, me dando a oportunidade de chegar ao fim da minha formação. Estendo o agradecimento a todos os cientistas brasileiros e ao redor do mundo que se dedicam à pesquisa, e que lutam por sua acessibilidade.

## RESUMO

O presente trabalho tem a intenção fazer uma análise comparativa acerca dos cartazes de propaganda da República Popular da China (RPC) das décadas de 1950s e 1980s – fundamentais na história da RPC – que contém a representação das mulheres chinesas. Através da contextualização política e socioeconômica dessa ferramenta de comunicação nos dois momentos, busca-se compreender possíveis fins e símbolos associados à figura feminina nestes que foram um dos principais meios de propaganda governamental utilizada pelo Partido Comunista da China (PCCh), bem como o que eventuais aproximações ou distanciamentos dessa análise pode nos dizer sobre a sociedade – em especial as mulheres – de seus respectivos períodos.

**Palavras-chave:** Cartazes de propaganda; República Popular da China; Mulheres chinesas.

## **ABSTRACT**

This study aims to conduct a comparative analysis of propaganda posters from the People's Republic of China (PRC) from the 1950s and 1980s – indispensable in the history of the PRC – that features Chinese women. The aim, through the political and socioeconomic context of this communication tool in both periods, is to understand possible purposes and symbols associated with the female figure in these posters, which were one of the main tools of government propaganda used by the Communist Party of China (CCP), as well as what possible similarities or differences in this analysis can reveal about society – particularly women – in their respective decades.

**Keywords:** Propaganda posters; People's Republic of China; Chinese women.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 – “Cartaz de calendário do Gande, Price &amp; Co., Ltd.”.</b> Cartaz, 1934. ....	22
<b>Figura 2 – “Mudando-se para uma nova casa”.</b> Cartaz, 1953. ....	31
<b>Figura 3 – “Mulheres na Nova China”.</b> Cartaz, 1953. ....	33
<b>Figura 4 – “Mulheres paraquedistas da Nova China”.</b> Cartaz, 1953. ....	36
<b>Figura 5 – “Todo jovem intelectual do campo deve cuidar de um analfabeto”.</b> Cartaz, 1955. ....	39
<b>Figura 6 – “Hao Jianxiu, que criou um método de trabalho científico”.</b> Cartaz, 1953. ....	49
<b>Figura 7 – “Trabalhe duro para completar o plano nacional – Construa uma grande pátria socialista”.</b> Cartaz, 1957. ....	50
<b>Figura 8 – “Uma nova família que é democrática, pacífica e engajada na produção unida”.</b> Cartaz, 1954. ....	52
<b>Figura 9 – “Deixe as mães fazerem seu trabalho em paz”.</b> Cartaz, 1954. ....	53
<b>Figura 10 – “Nós fazemos o futuro”.</b> Cartaz, 1980. ....	61
<b>Figura 11 – “A Era do Sorriso”.</b> Cartaz, 1988. ....	63
<b>Figura 12 – “Não se canse de cem perguntas, não se irrite com cem escolhas”.</b> Cartaz, 1983. ....	65
<b>Figura 13 – “Tratar os clientes com educação, ser entusiasta e atencioso, envolver-se no comércio de forma culta”.</b> Cartaz, 1983. ....	67
<b>Figura 14 – “Minha mãe deu à luz somente a mim”.</b> Cartaz, 1987. ....	69
<b>Figura 15 – “Menos nascimentos, melhores nascimentos, para desenvolver vigorosamente a China”.</b> Cartaz, 1987. ....	70
<b>Figura 16 – “Expectativas”.</b> Cartaz, 1987. ....	72
<b>Figura 17 – “Lendo livros para a ascensão da China”.</b> Cartaz, 1984. ....	74
<b>Figura 18 – “Estudar para a pátria mãe”.</b> Cartaz, 1986. ....	75

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando a mulher militar. ....	35
<b>Quadro 2</b> – Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando as mulheres educadoras.....	38
<b>Quadro 3</b> – Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando as mulheres camponesas. ....	41
<b>Quadro 4</b> – Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando as mulheres maquinistas. ....	45
<b>Quadro 5</b> – Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando as mulheres tratoristas.....	46
<b>Quadro 6</b> – Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando as mulheres operárias. ....	48
<b>Quadro 7</b> – Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando a sogra.....	51
<b>Quadro 8</b> – Recorte do quadro central da figura 3. ....	55

## LISTA DE SIGLAS

<b>PCCh</b>	Partido Comunista Chinês
<b>KMT</b>	Kuomintang (Partido Nacionalista)
<b>ELP</b>	Exército de Libertação Popular
<b>RPC</b>	República Popular da China
<b>URSS</b>	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas/União Soviética
<b>ZEEs</b>	Zonas Econômicas Especiais

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2 A CHEGADA A DÉCADA DE 1950</b> .....	<b>18</b>
2.1 REVOLUÇÃO DE PENSAMENTO E AS “GAROTAS DE CALENDÁRIO” .....	18
2.2 AS MULHERES E A REVOLUÇÃO COMUNISTA CHINESA .....	24
2.3 AS MULHERES E OS CARTAZES DE PROPAGANDA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA (RPC) NA DÉCADA DE 1950 .....	28
2.3.1 A Nova Sociedade Chinesa.....	28
2.3.2 A Nova Mulher na Nova China .....	32
2.3.3 A Mulher Militar .....	34
2.3.4 A Mulher Letrada.....	37
2.3.5 A Mulher Camponesa.....	39
2.3.6 A Mulher e a Indústria .....	44
2.3.7 A Mulher Cuidadora .....	51
2.3.8 As Mulheres são bem-vindas à Nova China.....	54
<b>3 A CHEGADA A DÉCADA DE 1980</b> .....	<b>58</b>
3.1 AS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS E NOVOS RUMOS .....	58
3.2 A NOVA SOCIEDADE SOCIALISTA CHINESA .....	59
3.3 AS MULHERES E OS CARTAZES DE PROPAGANDA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA (RPC) NA DÉCADA DE 1980 .....	60
3.3.1 A Mulher na Nova Sociedade Socialista Chinesa .....	60
3.3.2 A Mulher, os Bens e Serviços .....	63
3.3.3 A Mulher Materna e do Lar.....	67
3.3.4 As Meninas e a Intelectualidade.....	73
3.3.5 A Nova Mulher na Nova China .....	76
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>78</b>
REFERÊNCIAS .....	83

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da milenar história chinesa, o período entre o século XIX e início século XX destaca-se como uma era conturbada e dura, permeada por diversas guerras, porém igualmente de grandes transformações políticas, econômicas e de avanços sociais. Um cenário de profunda mudança que impactou enormemente as mulheres e representou um vórtex nas políticas de gênero. O início do século XX testemunhou o nascimento de organizações de mulheres e deu voz a figuras proeminentes que defenderam a causa da igualdade entre mulheres e homens, um processo que foi lento e repleto de dificuldades, mas igualmente de grande empoderamento, rumo à emancipação.

Na virada do século, não apenas o Ocidente, mas também a sociedade chinesa possuía profundas raízes em valores tradicionais e “feudais”<sup>1</sup>, onde as estruturas patriarcais moldavam a vida. No caso chinês, a ideologia confucionista tornada oficial do Estado desde o primeiro século da dinastia Han (206 a.C. até 220 d.C.), era a responsável por sedimentar esses valores. Seja de ordem política, econômica, familiar ou religiosa, essas normas guiavam o pensamento da sociedade nos mínimos detalhes, prezando pela harmonia que era conquistada através da forte hierarquização e lealdade absoluta à autoridade. Dentro disto, os papéis tradicionais de gênero daquela sociedade estavam muito bem delimitados, sendo a mulher designada a um lugar de submissão e inferioridade em relação ao homem.

De acordo com os preceitos do confucionismo na esfera de ordem social, enquanto homens deveriam gerir e ter a autoridade máxima na economia e vida de

---

<sup>1</sup> A aplicação do termo se faz com ressalvas por se tratar de uma transferência de conceito ocidental, sendo objeto de ampla discussão ao longo das décadas. O termo foi criado por europeus a partir de sua própria realidade e amplamente utilizado para descrever realidades às vezes extraordinariamente diferentes e distantes no tempo e no espaço, as descaracterizando e trazendo consigo uma conotação de atraso. Autores marxistas e até o próprio Marx, mesmo que sob cautela na aplicação do termo a sociedades não-europeias como a indiana, chinesa e japonesa, comumente caíam na transferência de conceitos, o que reforçava “uma ideia de unilinearidade na evolução das sociedades humanas” (p. 214). Tendo em vista a realidade de um modelo estabelecido para a sociedade da Europa ocidental, – além de ser séculos mais tardio ao “equivalente chinês” –, intelectuais e historiadores chineses percorreram um longo caminho de discussões acerca da interpretação desses e outros conceitos do marxismo para a sociedade chinesa até que fosse assimilado pela historiografia marxista chinesa – sob suas devidas adaptações –, incluindo a periodização do “modo de produção feudal” que condensa 20 séculos de história da China, iniciada após a era dos Reinos Combatentes (480 a.C. a 222 a.C.) e perdurando até o século XX. Ler: DABAT, C. **A transferência dos conceitos de feudalismo e de modo de produção feudal a regiões não-europeias**. Cadernos De Estudos Sociais, 11(2), 2011. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1169>. Acesso em 10 ago. de 2023.

toda sua família, as mulheres – que passavam a *pertencer* à família do marido após o casamento – possuíam exclusivamente a função de sustentação e cuidados com lar e com a prole, além de serem expressamente excluídas do processo de educação<sup>2</sup>. Deveriam ser filhas respeitosas, esposas dedicadas e mães altruístas, cuja maior virtude seria obediência ao homem, seja ele o pai e/ou irmão e posteriormente marido e filho homem<sup>3</sup>.

No percurso de luta por seus direitos, as mulheres chinesas, em especial as da classe trabalhadora da cidade e do campo, enfrentaram desafios tremendos, tendo oportunidades fundamentais negadas; suas vidas ceifadas; vozes silenciadas e seus corpos violentados<sup>4</sup>, a mentalidade resulta do “feudalismo” e confucionismo era seu principal desafio.

Todavia, a partir do século XX, a defesa das pautas das mulheres se tornou objeto político de diferentes frentes revolucionárias que surgiam na efervescência dos movimentos sociais daquele século. Foram estes: a esquerda do Partido Nacionalista (Kuomintang/KMT) e o Partido Comunista da China (PCCh), o último contando com o apoio das mulheres proletárias e camponesas para o sucesso da Revolução Comunista em 1949, momento a partir do qual foram consolidados efetivos avanços sociais de gênero. Seria também a partir da instauração da República Popular da China (RPC) que as mulheres chegariam a não apenas estarem presentes de forma atuante, mas também protagonizando campanhas políticas nacionais do Partido através de cartazes, uma das mais importantes ferramentas de propaganda da RPC.

Tendo em vista a trajetória da mulher chinesa de expressiva inferioridade de gênero até sua representação enquanto figura central nos cartazes chineses – entendido como um importante veículo de propagação e assimilação de ideias – em

---

<sup>2</sup> PROZCZINSKI, Danielle. **A construção da mulher na China: submissão e feminicídio**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

<sup>3</sup> Por conta de tal protagonismo social inclusive, filhos meninos eram preferíveis em favor de meninas o que levou a China à altos índices de infanticídio de meninas – normalmente como opção dos pais (homens) – especialmente durante a política do filho único nos anos 1970.

<sup>4</sup> Um exemplo que nos mostra a mentalidade estrutural em relação às mulheres fora a prática milenar dos pés atados (iniciada na dinastia Song [960-1279 d.C.] e durando até o século XX), responsável pelo aleijamento de milhões de meninas que tinham seus pés enfaixados desde muito novas para caber em um minúsculo sapato. A prática – muito semelhante à das deformações dos quadris femininos por meio de espartilhos da era vitoriana inglesa –, foi um ideal de beleza e desejo patriarcal que acabou por atingir todas as classes sociais, e que marcava uma eterna subjugação da mulher ao núcleo familiar.

meio a chegada de uma era que promoveu maior igualdade de gênero, surge o interesse da atual pesquisa.

Considera-se como hipótese que a inserção dessas mulheres nos cartazes possuía alguma forma de relevância na propagação da mensagem. Assim, apoiada em uma contextualização histórica e análise imagética que busca signos associados à essas figuras, a presente pesquisa tem o objetivo de entender os possíveis fins da representação das mulheres nesse meio de comunicação, para tal também utilizando-se da ferramenta comparativa entre dois períodos diferentes, buscando argumentar a partir de eventuais permanências e/ou transformações nessa representação.

Serão comparados duas décadas icônicas da RPC, marcadas por significativas diferenças econômicas e sociais entre si, mas também por certa aproximação num discurso de cunho desenvolvimentista e modernizante. A década de 1950 (instauração da República Popular da China e profunda reforma político-social) e a década de 1980 (instauração de um novo modelo econômico e abertura comercial).

Como defende Peter Burke<sup>5</sup>, imagens são uma válida e importante fonte para a pesquisa histórico-cultural, a qual estabelecem uma relação de mutualidade, mas atentando para o fato de que essa é uma fonte que pede uma atenção especial, por poderem oferecer armadilhas a quem as analisa partindo de seus conceitos e visão pessoal. Dessa forma, o estudo dos cartazes no presente trabalho leva em consideração a análise técnica associada a contextualização histórica de cada período estudado, assim podendo chegar a uma interpretação mais próxima da realidade da mensagem.

As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim, visões contemporâneas daquele mundo [...] O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material, e assim por diante [...]) Uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais [...] No caso de imagens, como no caso de textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos mas significativos – incluindo ausências significativas – usando-os como pistas para informações que os produtores de imagens não sabiam que eles sabiam, ou para suposições que eles não estavam conscientes de possuir.<sup>6</sup>

A análise imagética a nível técnico será guiada pelos conceitos de Rudolf Arnheim<sup>7</sup>, que divide sua pesquisa em uma análise visual que deve se atentar ao 1.

---

<sup>5</sup> BURKE, P.; XAVIER, M. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

<sup>6</sup> *Ibidem*. p. 319-320.

<sup>7</sup> ARNHEIM, R.; TEREZINHA, I.; VICENTE D. G. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

Equilíbrio; 2. Configuração; 3. Forma; 4. Desenvolvimento; 5. Espaço; 6. Luz; 7. Cor; 8. Movimento; 9. Dinâmica; e 10. Expressão.

“[...] não se pode fazer justiça ao que vemos descrevendo-o somente pelas medidas de tamanho, configuração, comprimento de ondas ou velocidade. As qualidades dinâmicas das configurações, cores e fatos provaram ser um aspecto inseparável de toda experiência visual”<sup>8</sup>

Em relação ao acervo, quase em sua totalidade, os cartazes são encontrados em <http://chinese posters.net/>, acervo mantido pela Chinese Posters Foundation e pelo International Institute of Social History (IISH) da Leiden University.

Dado o marco temporal escolhido, foram utilizados os seguintes filtros de pesquisa: (woman), (women), (1950>1959), (1980>1989) e, num primeiro momento, selecionados os cartazes com protagonismo da figura feminina (estando sozinha ou em maior número) chegando a uma média total estimada em 55 cartazes em cada década.

O cartaz “Women in new China” (1952) utilizado no capítulo 2, está disponível em acervo mantido pela Hoover Institution Library & Archives at Stanford University, encontrado em <https://digitalcollections.hoover.org/objects/10599>.

O cartaz “Cartaz de calendário do Gande, Price & Co., Ltd.” (1934) trazido no início do capítulo 2, pertence ao acervo Kwan Wai-nung – um dos mais importantes artistas de cartazes de calendário do período –, encontrado em <http://www.hkmemory.org/calendar/work.php?lang=en>, mantido pela organização Hong Kong Memory Project.

Para chegar em eixos temáticos principais de análise, foram utilizadas como base a pesquisa de Danielle Proczinski<sup>9</sup>, que trata dos formatos de propaganda na China entre 1949 e 2008, a pesquisa de Edelson Parnov<sup>10</sup>, que apresenta os temas mais associados aos cartazes com representação feminina na década de 1950 na

---

<sup>8</sup> *Ibidem.* p. 437.

<sup>9</sup> PROZCZINSKI, Danielle. **As Quatro Gerações do Partido Comunista Chinês: Mídia e Cartazes De Propaganda.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215136/PHST0652-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 fev. 2023.

<sup>10</sup> PARNOV, Edelson. **Novas mulheres para uma China nova? As representações de gênero das legislações e dos pôsteres de propaganda do início da transição chinesa ao socialismo (1949-1962).** Universidade Federal Fluminense, 2020.

RPC e a pesquisa de Stefan Landsberger<sup>11</sup>, que traz uma leitura ampla da propaganda da década de 1980, e traz tópicos importantes sobre a sociedade e as mulheres de seu tempo.

Na ocasião de seleção dos cartazes, foram percebidos certos padrões temáticos indicados pela vestimenta, cenário cores e elementos, sendo assim, para a atual pesquisa, foram escolhidos em média dois cartazes dentro de 4 a 6 temas que mais se utilizam da figura feminina, mas ao mesmo tempo com olhar analítico para outros temas do período que possuem quase nenhuma ou nenhuma representação feminina.

No capítulo 2, pretende-se, em um primeiro momento, contextualizar historicamente o caminho das mulheres chinesas na primeira metade do século XX até a Revolução de 1949, investigando como elas estiveram inseridas nesse processo e o caminho até sua representação nos cartazes da década que se iniciava, incluindo um olhar para as formas de representação do grupo nos cartazes pré-1949. Em um segundo momento, busca-se entender quais conceitos políticos, econômicos e sociais guiam a RPC na década de 1950, buscando os fins e os meios de produção dos seus cartazes. Em seguida são apresentados os cartazes, onde se almeja manter um paralelo entre a análise da imagem e os seus possíveis signos sociais.

No capítulo 3, introduz-se brevemente as décadas de 1960 e 1970 como necessárias ao entendimento do recorte temporal selecionado dos anos 1980. Em seguida, busca-se compreender quais conceitos políticos, econômicos e sociais guiavam aquela nova década da RPC e o que ela apresenta em relação aos cartazes. Por fim, são apresentados os cartazes, onde se busca manter um paralelo entre a análise da imagem e os seus possíveis signos sociais.

---

<sup>11</sup> LANDSBERGER, S. **Chinese propaganda posters: From revolution to modernization: From revolution to modernization**. Londres, Inglaterra: Routledge, 2020.

## 2 A CHEGADA A DÉCADA DE 1950

### 2.1 REVOLUÇÃO DE PENSAMENTO E AS “GAROTAS DE CALENDÁRIO”

A fim de melhor entender o momento em que as primeiras leis em favor da emancipação das mulheres e igualdade de gênero na China são implementadas, é preciso tomar conhecimento do momento-chave que deu início a essas mudanças, no qual todo um modo coletivo de pensar a sociedade chinesa passou a ser ativamente questionado e criticado, possuindo entre seus autores ampla participação feminina.

A China do início do século XX se ajustava ao seu novo status republicano após 5.000 anos de governo monárquico. As décadas de 1920 e 1930 ficaram marcadas como um momento de certa estabilidade que permitiu o crescimento econômico a partir da realização de grandes projetos do governo, conjunto que permitiu um florescimento cultural em especial na sua capital à época, Nanjin, entretanto as décadas que se estendiam ainda carregavam o peso de relações políticas conturbadas que, unida a diversos outros fatores, resultaram em uma série de levantes populares que revolucionaram a sociedade chinesa.

Foi principalmente nesse momento histórico que as mulheres chinesas passaram a vislumbrar a possibilidade real de outros horizontes para as suas vidas. Um horizonte de ideais feministas defendidos não apenas por mulheres intelectuais, mas também homens intelectuais, ambos possuindo reivindicações “tão revolucionárias quanto às contemporâneas feministas no Ocidente”<sup>12</sup>.

Pioneiras ativistas e anti-imperialistas como Qiu Jin (1875-1907), uma das mais importantes vozes no estudo da luta pela igualdade de gênero na China, defendiam reformas sociais profundas nas quais a emancipação feminina ocupava ponto central. Qiu Jin, que atuou ativamente no Partido Nacionalista/Kuomintang – antes deste ser oficialmente estabelecido em 1919 –, criou a primeira associação de mulheres chinesas, fundou o *Jornal da Mulher Chinesa*, no qual também escrevia suas reivindicações.

Em todos esses âmbitos, a ativista promovia seus objetivos políticos nacionalistas e sociais, especialmente na defesa da promoção da igualdade de gênero e emancipação das mulheres, que deveria ser conquistada através do incentivo a sua

---

<sup>12</sup> DABAT, Christine. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839 - 1949)**. Editora Universitária UFPE, 2002. p. 31.

qualificação profissional – fazendo com que estas não ficassem presas a um casamento e conseqüentemente ao lar –, do combate a prática dos pés atados, e da liberdade de escolha de cônjuge para ambos os gêneros (até então direito única e exclusivamente dos homens).

A partir dos efeitos do chamado Século da Humilhação, iniciado pela Guerra do Ópio (1839), subsequentes guerras civis e a humilhante derrota da China pelo império japonês em 1895 na I Guerra Sino-Japonesa, a China foi incitada a fazer uma abertura forçada para o comércio e ocupação de seus territórios e instituições por potências estrangeiras como Inglaterra, França e Alemanha. Xangai e Hong Kong, duas das principais zonas dessa ocupação – por sua localização estratégica portuária –, tiveram injetados grande investimento dos poderes externos que buscavam retorno financeiro, o que acabou resultando em significativos desenvolvimentos econômicos e transformação sociocultural. Ao mesmo tempo, esses territórios tinham sua administração cada vez mais assimiladas pelas potências estrangeiras, que desenvolviam concessões paralelas às leis chinesas.

Foi em meio a tal contexto político e social denso que as primeiras décadas do século XX se tornaram palco para a eclosão de diversos grupos e movimentos intelectuais urbanos revolucionários que, tendo como objetivo recuperar a dignidade do país, lutavam pelo não-entreguismo da China e, em paralelo, criticavam o caráter retrógrado do sistema de hierarquias e costumes chineses.

O Movimento de Nova Cultura (1910s – 1920s), é considerado como o fomentador inicial dessas críticas de caráter revolucionário que aflorariam com o Movimento de 4 de Maio de 1919<sup>13</sup> e com a formação da Nova Sociedade Popular de Estudos no mesmo ano. Esse foi o pontapé para todo o tipo de organização sindical, feminista e até da formação do Partido Comunista Chinês (PCCh) em 1921, no qual muitos de seus membros fizeram parte desses Movimentos à exemplo de Mao Zedong, que viria a ser o dirigente supremo do PCCh até 1976.

Outro fator que influenciou os intelectuais chineses foi a bem-sucedida Revolução de Outubro em 1917 e sua precursora em 1905, na agora União Soviética – vizinho de grande influência e troca com a China daquele século –, onde um governo imperial autocrático foi derrubado em favor de um governo popular, o que facilitou o gradativo apoio intelectual e popular chinês às ideias socialistas.

---

<sup>13</sup> PARNOV, *op. cit.* p. 30.

Apoiado por intelectuais, estudantes e artistas, seguido de levantes populares em várias regiões da China que resultaram em greves e trouxeram à luz a emergente classe operária, esse momento é considerado um ponto de virada para os chineses. Foi também interpretado como o seu definitivo despertar nacionalista, e o momento em que foram articulados os pensamentos de que a sociedade chinesa precisava de uma mudança estrutural e não apenas política, ideais centrados na figura do revolucionário Sun Yat-Sen – canonizado como fundador da pátria chinesa moderna –. No cerne das discussões apontavam o modelo imperialista, “feudal” e confucionista como o principal responsável pela situação decadente do país, sendo um empecilho para a sua modernização, tendo em vista que a equidade econômica da China frente às demais potências estrangeiras era outro ponto que reivindicavam.

O Movimento de 4 de Maio também acelerou mudanças positivas nas discussões de gênero. A igualdade de direitos para as mulheres fazia frente com as demais reivindicações difundidas e defendidas por grupos de ambos os sexos e diferentes vertentes políticas, sua mobilização se dirigia ao público feminino sob a frente da “igualdade e nacionalismo”. A emancipação das mulheres emergia enquanto uma condição para uma China moderna, junto com o nacionalismo e os novos valores democráticos impulsionados pelo movimento anti-imperialista<sup>14</sup>.

O anseio pela quebra com o passado e restauração da honra chinesa também refletiu de forma avassaladora nos meios de comunicação. Na última década do século XIX, pela primeira vez, jornais foram criados exclusivamente para tratar e promover pautas da reforma social<sup>15</sup> dando espaço para nacionalistas e feministas difundirem os ideais sociais e políticos revolucionários. O crescimento dessas mídias foi exponencial com o início dos movimentos do século XX, estendendo-se também a revistas e livros. Artigos sobre as questões das mulheres traziam reivindicações em favor da emancipação feminina e sua participação política: criticavam os efeitos da instituição patriarcal do casamento sobre as mulheres e a exploração das trabalhadoras das fábricas, defendiam seu direito à educação e a importância de sua participação nas organizações de mulheres que cresciam por toda China.

---

<sup>14</sup> MORENO, Tica. O Movimento 4 de Maio e a emancipação das mulheres na China. In: **Capire**. Capire. 2023. Disponível em: <https://capiremov.org/experiencias/o-movimento-4-de-maio-e-a-emancipacao-das-mulheres-na-china/>. Acesso em: 28 ago. de 2023.

<sup>15</sup> GILMARTIN, C. K. **Engendering the Chinese Revolution: Radical Women, Communist Politics, and Mass Movements in the 1920s**. University Press of California, 1995. p. 38.

Em meio ao florescimento das diversas formas de comunicação, outro meio de mídia que também teve seu conteúdo influenciado pelos movimentos sociais foram os posters de calendários. Enquanto produto de publicidade comercial, os posters surgiram em Xangai no início do século XX, apresentando em sua grande maioria figuras femininas a divulgar produtos diversos: as denominadas “garotas de calendário” são uma categoria própria de estudo.

Ainda que a partir da conturbada e imposta ocupação estrangeira, a Xangai do século XX se tornara o principal centro comercial e financeiro do país e sinônimo de metrópole moderna. Nos bastidores, a emergente indústria de publicidade e imagem foram indispensáveis na construção e solidificação de uma imagem glamurosa da cidade, possuindo os calendários comerciais enquanto grandes representantes de uma Xangai moderna.

Zhou <sup>16</sup> argumenta que os cartazes de Calendário da era republicana “transformaram a esfera visual da experiência moderna ao representar uma imagem da figura feminina em evolução”. As garotas de calendário se tornaram um meio para propagar e incentivar o consumo de cosméticos, tecidos, cigarros e outros bens “modernos” (figura 1), produtos das empresas nacionais e estrangeiras que floresciam nas crescentes metrópoles.

---

<sup>16</sup> ZHOU, Duanduan. Re-examining Shanghai Calendar Girls. *In*: Ying Xiang 映象 Journal. **Ying Xiang 映象**. Disponível em: <https://ying-xiang.org/articles/re-examining-shanghai-calendar-girls-gendered-modernity-and-media-parallax>. Acesso em: 15 jun. 2024.

Figura 1 – “Cartaz de calendário do Gande, Price & Co., Ltd.”. Cartaz, 1934.



Fonte:

[http://www.hkmemory.org/calendar/record.php?acc\\_no=KWL029&lang=em](http://www.hkmemory.org/calendar/record.php?acc_no=KWL029&lang=em)

A influência cultural estrangeira ficava clara na arte dos calendários e dava vida a um novo estilo artístico e ideal de beleza que ficaram marcados na história da China. Muitas vezes, os posters traziam essa influência através da paisagem, dos móveis e objetos, mas em um ponto era imperativo: na aparência. Cabelos estilizados, sapato alto, maquiagem meticulosa, acessórios, trajando quase sempre um cheongsam<sup>17</sup> adaptado com tecidos transparentes que mostravam o colo e delineavam o formato do corpo.

Somado a suas consistentes pernas cruzadas, pose considerada “pouco feminina” naquela época<sup>18</sup>, a sua postura e expressão sinalizam um convite

<sup>17</sup> Cheongsam, também conhecido como Qipao, é um tipo de vestimenta tradicional da Manchúria.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

subentendido prometido através do produto (na figura 1 reforçado pelo desenho de dois copos). O conjunto forma uma figura sexualizada e voltada ao olhar masculino, mas que segundo Zhou<sup>19</sup>, ao mesmo tempo, dissemina uma imagem feminina relacionada à quebra estigmas sociais e indica uma libertação de tradicionais conceitos de estéticos, algo que é influenciado – e influenciava – pelos movimentos de sociais de libertação das mulheres que se desenvolviam junto a uma quista “China moderna”.

A fim de demonstrar a profundidade intelectual das críticas e reivindicações que também possuíam as mulheres no período, destaca-se a passagem escrita pela ativista e autora Wang Huiwu em 1919, chamando atenção pelo grau de atualidade.

Algumas pessoas dizem: As mulheres são desprovidas de uma filosofia de vida e não merecem ter sua própria personalidade [ren'ge]. Isso é um absurdo. Quem escondeu a filosofia de vida das mulheres - os corações egoístas e enganosos dos homens criaram essa armadilha e nos colocaram nela... Os homens temiam que as mulheres trabalhassem duro e fossem bem-sucedidas, economizassem e quebrassem as restrições econômicas, o que colocaria em risco a armadilha. Assim, tarefas domésticas como "costurar" e "cozinhar" foram confiadas às mulheres, com o resultado de que as mulheres não tinham mais a oportunidade de alcançar a vitória... O egoísmo dos homens ia longe. Eles temiam que as mulheres se envolvessem no poder político e frustrassem suas operações. Felizmente, eles tinham "moralidade", "sábios", "livros e registros" como amuletos para que pudessem fabricar presságios que restringissem a entrada das mulheres na política. Por causa de sua natureza ciumenta, os homens construíram "defesas interiores e exteriores" para cortar as relações sociais das mulheres que continuaram até o presente. As mulheres foram inextricavelmente apanhadas nessa armadilha e nunca foram capazes de se livrar delas.<sup>20</sup>

Entretanto, apesar do contexto de ebulição feminina na luta por seus próprios direitos, não apenas a arte, mas também o debate, inicialmente, esteve, de certa forma, restrito a um grupo social majoritariamente masculino<sup>21</sup> intelectual e urbano. Ademais, se as mulheres intelectuais já enfrentavam inúmeros desafios e violências calçadas naquela sociedade, a situação era ainda pior para as camponesas: “A sorte comum era uma miséria absoluta. A simples sobrevivência era um desafio imenso

---

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> GILMARTIN, C. K. *op.cit*, p. 50. Tradução própria.

<sup>21</sup> A maior parte das publicações de jornais e revistas eram escritas e editadas por homens e eram levadas como grande referencial inclusive por mulheres – afinal eram reivindicações sérias –, mas também eram lidos e discutidos em sua maioria pelo público masculino. Alguns grupos de mulheres chegaram a tentar estabelecer revistas exclusivamente com artigos escritos femininos, mas não duravam muito e tinham muito menos influência e alcance que os que eram comandados ou que possuíam a participação masculina. *Ibidem*, p. 41.

para a maioria, sobretudo no campo”<sup>22</sup>. Em um país de maioria campesina, cuja taxa de analfabetismo chegava aos 80% dos 540 milhões de habitantes até a Revolução do Partido Comunista Chinês em 1949, a situação das mulheres era ainda mais grave, chegando aos 90%<sup>23</sup>.

Diferente das mulheres da elite, as trabalhadoras do campo não tinham direito à educação ou à livre circulação. Esse foi um ponto de destaque na política do emergente Partido Comunista da China, que, possuindo a emancipação feminina como um dos seus principais pilares para a transição ao socialismo, precisava enxergava a necessidade de tornar acessível os ideais da luta de classes para a maior quantidade de chineses possível, incentivando a inserção política não somente da classe operária – seu público-alvo pelos preceitos originais marxistas –, mas também dos camponeses e, especialmente, camponesas.

## 2.2 AS MULHERES E A REVOLUÇÃO COMUNISTA CHINESA

Após a dissolução do sistema monárquico chinês com a instauração de uma República em 1911, a China encontrava-se em situação de constante instabilidade política, dividida em vários “feudos” militares e governos rivais em estado ininterrupto de guerras. Esse cenário nacional seria agravado pela violenta invasão do Japão, aliado dos nazistas e proclamando similar ideologia racista<sup>24</sup> e a subsequente guerra civil contra as forças autoritárias de Chiang Kai-shek, novo líder do KMT, que possuía o apoio dos Estados Unidos. Tais embates possuíam um *modus operandi* comum no que se refere às populações femininas: estupros em massa, assassinatos, mutilações e torturas que se empilharam às diversas cicatrizes carregadas pelas mulheres chinesas. Como defendiam os ativistas políticos homens e mulheres dos movimentos pela libertação nacional: não havia como a sociedade chinesa avançar em tais condições, sob dominação imperialista e sem prever a emancipação e defesa das mulheres. Song Qiling<sup>25</sup>, ativista e proeminente figura política (1891-1981) escreveu:

---

<sup>22</sup> DABAT, 2002. *op. cit.*, p. 32.

<sup>23</sup> PARNOV, *op. cit.*, p. 10.

<sup>24</sup> DABAT, 2002. *op. cit.*, p. 32.

<sup>25</sup> Song Qiling foi uma das mais importantes agentes não somente para a causa feminina, mas enquanto figura de liderança no Partido e suas relações e imagem externa. Song idealizou a revista de circulação internacional *China Reconstruct* em 1938, estabelecida oficialmente como parte da comunicação governamental em 1952. A revista possuía inicialmente edições bimensais tratando de diversos conteúdos que iam de economia e educação à arte e cultura e buscava construir e

Uma das principais tarefas da revolução na China é a emancipação de mais de 200 milhões de mulheres da servidão de ideias e costumes sociais semifeudais e medievais. Enquanto essa grande massa humana não for libertada, nenhuma mudança revolucionária real será possível, não apenas nas instituições do país, mas também na vida em geral e no pensamento do povo.<sup>26</sup>

No PCCh, homens e mulheres comunistas seguiam uma organização política que devia vir de uma reconstrução de suas relações baseada na igualdade. Dessa forma, em particular as mulheres puderam enxergar neste processo de mudança radical, uma oportunidade de emancipação. Inclusive, eram também incentivadas por suas colegas russas que atingiam os primeiros avanços de cunho feminista na URSS a partir da Revolução de 1917. Um grande incentivo para lutarem e incentivarem suas colegas bravamente nesse processo tão difícil.

[...] a década de 1920 na China não foi apenas uma década de desafios", [...], mas um período de pico de influência do feminismo sobre revolucionários comunistas e nacionalistas, e um período seminal no estabelecimento de características críticas de a relação das mulheres com o Partido Comunista Chinês.<sup>27</sup>

A década de 1920 marcou um dos pontos importantes para as chinesas, (com avanços refletidos especialmente no campo) sendo a década em que os revolucionários puseram em prática as discussões da década anterior ao se “apoderar da ação revolucionária como um meio de remodelar conscientemente a ordem de gênero da China”<sup>28</sup>.

Através do PCCh, era posto em prática em territórios com grande base de apoio rural, ou ‘sovietes’, a reforma agrária, redução das dívidas e dos impostos, a proibição de práticas como dos pés atados, do casamento forçado, infanticídio, e da venda de meninas às casas de prostituição. Também se rompeu com a estrutura opressora do casamento, ao estabelecer que as mulheres agora também poderiam escolher seus cônjuges e divorciar-se. A medida teve maior abrangência a partir do primeiro Código Civil da China em 1924, elaborado por meio da instável aliança do PCCh e KMT

---

disseminar uma nova imagem da nova China revolucionária e bem-sucedida. Um excelente material para pesquisa. Ver acervo digitalizado em: <https://www.marxists.org/subject/china/china-reconstructs/index.htm>.

<sup>26</sup> DABAT, 2002. *op. cit.*, p. 39.

<sup>27</sup> GILMARTIN. *op. cit.*, p. 3. Tradução própria.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 201.

(denominada Frente Única), dada em favor de um esforço pela unificação do território chinês a partir da luta contra os “feudos” militares dos senhores de guerra que dominavam a China.

Os dois partidos da Frente Única tiveram uma longa e complexa relação que desembocou em dois momentos de profunda guerra civil. Por divergências ideológicas, ao expulsar o PCCh da Frente Única em 1927 e tomar o poder em 1928, Chiang Kai-shek declarou guerra aos comunistas e desfez muitas das reformas estabelecidas em busca por um renascimento chinês, que vinha através da revalorização dos valores confucionistas e, por consequência, dos papéis tradicionais de gênero. Mais tarde, os dois lados viriam a firmar um novo acordo de união, em decorrência da devastadora ocupação japonesa em 1937: a II Guerra Sino-Japonesa, cuja, ainda que sob perdas imensuráveis, saíram vitoriosos. Por fim, voltariam à guerra civil interna até o eventual triunfo revolucionário do PCCh em 1949, apoiados pela URSS.

Em meio a violenta perseguição dos exércitos de Chiang Kai-shek, os comunistas e buscaram refúgio e apoio no campo, dedicando-se a expandir ainda mais a sua base de apoio e enxergando ali um verdadeiro potencial revolucionário.

Possuindo a China uma população majoritariamente camponesa, o apoio massivo desse grupo demográfico à revolução foi o fator diferencial no caminho vitória dos comunistas na China. No caminho para conseguir o efetivo apoio de um quantitativo tão expressivo de pessoas, práticas políticas para abolir o sistema “feudal” foram empregadas pelo Partido – no presente estudo será destacada a propaganda e campanhas de mobilização de massa –, trabalho, inclusive, que era designada como função do seu exército (chamado Exército Vermelho e pós-1945 renomeado como Exército de Libertação Popular - ELP), que de, acordo com os preceitos de seu dirigente, Mao Zedong, deveriam ter na mesma medida uma função política e uma função social.

Através dessas ações de mobilização que foram essenciais para a sua vitória, o Partido buscava igualmente incentivar as mulheres camponesas à luta. Xiang Jinyu acreditava que, “a mobilização das mulheres, mesmo nas circunstâncias terríveis em que viviam, como uma formidável força para tirar o país da situação em que se encontrava”<sup>29</sup>. Seus esforços buscaram mobilizar as mulheres a aderir ao ELP e

---

<sup>29</sup> DABAT, 2002. *op. cit.*, p. 36.

criando Ligas e Associações de Mulheres, espaços onde estas existiam social e politicamente, promovendo discussões e montando estratégias para expedições de batalha.

Para muitas mulheres jovens, em particular as de origem operária ou camponesa, a adesão ao Exército de Libertação Popular foi considerada uma excelente oportunidade para romper com os laços tradicionais de opressão e discriminação que ainda mantinham a maioria delas subjugadas. [...] isso, por sua vez, abriu várias perspectivas de carreira que de outra forma teriam permanecido inacessíveis para estas.<sup>30</sup>

Mesmo em um meio de contexto propício à sua luta, as mulheres não deixaram de enfrentar dificuldades atreladas ao gênero: se um soldado homem suportava o sofrimento físico e moral da batalha, a mulher suportava isso ao quadrado, pois também estavam sujeitas aos sofrimentos biológicos como a menstruação, a gravidez e o parto, tendo quase sempre que passar por outro sofrimento ao abandonarem seus filhos, os deixando com camponeses pelo caminho da dura batalha<sup>31</sup>. Enxergar essas mulheres, camponesas e operárias, em sua totalidade, que ainda sob as maiores adversidades continuavam a lutar tão bravamente, oferece uma percepção do tamanho de sua força e confiança depositados na construção dessa nova sociedade.

Apesar de no exército essa mulher estar mais associada a posição não-combatentes e naturalmente de apoio, como conclui Li<sup>32</sup> – o que não diminui o seu mérito, mas atesta uma posição designada por gênero – houveram momentos críticos nos quais essas mulheres pegaram em armas e estiveram em frentes de batalha, formando apoio imprescindível na luta contra os senhores de guerra, contra o exército de Chiang Kai-shek e na defesa de seu povo contra a posterior invasão japonesa durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945), construindo a conquista de territórios que traria a vitória comunista sob o Kuomintang e culminando na instauração da República Popular da China.

No momento da vitória do PCCh, que iniciaria uma nova era na China, o país encontrava-se devastado depois de tanto tempo em guerras consecutivas – inclusive

---

<sup>30</sup> LANDSBERGER, Stefan. People's Liberation Army. *In*: Stefan Landsberger. **Chinese posters.net** Disponível em: <https://chinese posters.net/themes/pla>. Acesso em 13 ago. 2023. Tradução própria.

<sup>31</sup> CHETIOUI, Najoua. **Female Soldiers Throughout Chinese History**. 2021. Disponível em: <https://www.europeanguanxi.com/post/female-soldiers-throughout-chinese-history>. Acesso em: 28 jul. 2023.

<sup>32</sup> LI, Xiaolin. **Chinese Women in the People's Liberation Army: Professionals or Quasi-Professionals?**. *Armed Forces & Society* 20, no. 1 (1993). p. 69–83. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/45346560>. Acesso em: 07 ago. 2023

ainda possuindo alguns territórios em guerra contra o exército remanescente de Chiang Kai-shek, que viria a se refugiar na ilha de Taiwan –, e meio a tal conjuntura desafiadora, o PCCh precisava fazer um esforço de grandes proporções para dar seguimento com o processo revolucionário de mudança da sociedade chinesa, no qual também precisava atender a uma série de exigências dos grupos que participaram do processo revolucionário, como os camponeses, operários e frentes congregadas como organizações de mulheres. O Partido tinha um claro modelo de nação a ser desenvolvido e para que isso fosse possível era necessário não somente instaurar reformas e novas leis, mas também o estabelecimento de uma clara e efetiva comunicação nacional para que esse processo fosse bem assimilado e cada etapa contasse com ampla aprovação popular. Assim, fez-se uso extensivo da propaganda política, dedicando-se a criar, para este fim, um exclusivo departamento de governo.

## 2.3 AS MULHERES E OS CARTAZES DE PROPAGANDA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA (RPC) NA DÉCADA DE 1950

### 2.3.1 A Nova Sociedade Chinesa

Nesse novo capítulo da história do PCCh, a formação da RPC se apresentava como um eixo central, composto por diversos planos de ação. Era vital para a sua prosperidade a formação de uma completa Nova Sociedade Chinesa, composta por “cidadãos-exemplo”, e uma política econômica e social forte. Todos os setores da sociedade deveriam trabalhar juntos em prol do todo afim de atingir esses objetivos. Dentre as frentes principais de atuação, o PCCh atuou em duas principais:

1. Econômica e social: com a aprovação de importantes leis e reformas como a Reforma Agrária; o I Plano Quinquenal, voltado para o desenvolvimento da indústria; a Lei do casamento, campanhas de letramento e incentivo ao ativismo político e ao trabalho, com destaque às mulheres.
2. Propagação de referenciais: por meio do grande investimento na propaganda, com a criação do Departamento de Propaganda da RPC, que tinha por objetivo servir diretrizes para a reestruturação da nação, gerar uma imagem positiva do Partido e apoio às suas políticas. Esses referenciais se apresentavam através da mídia impressa, rádio, na arte ou na literatura.

Para Mao Zedong, arte e artistas como um todo não poderiam ser separados da política e deveriam estar à serviço das grandes massas populares<sup>33</sup>, composta por camponeses, trabalhadores e soldados, atuando na sua formação política e cultural. Assim, toda propaganda do Partido tinha necessariamente um fim político de profunda relevância e explica o recrutamento dos melhores artistas (em grande maioria homens) do país para a elaboração de conteúdos diversos dentro do denominado Departamento de Propaganda. Nas palavras de Mao:

A literatura e a arte [devem] tornar-se uma parte componente de toda a maquinaria revolucionária, para que possam atuar como uma arma poderosa na união e educação do povo, ao mesmo tempo que atacam e aniquilam o inimigo, e ajudam o povo a alcançar a solidariedade na sua luta contra o inimigo<sup>34</sup>.

Um dos meios de propaganda empregados pelo PCCh através do Departamento de Propaganda da RPC foram os cartazes, material relativamente barato, de fácil produção e distribuição, possibilitando facilmente a sua reprodução em grande escala<sup>35</sup> – dada especialmente a partir da industrialização – para campanhas a nível regional e nacional em áreas rurais e urbanas.

Os cartazes de propaganda do período possuíam como influência artística uma adaptação do realismo-socialismo Soviético, que prezava por uma comunicação acessível, cativante e cheia de símbolos gerando identificação nas massas (no caso chinês, tanto trabalhadores rurais quanto urbanos), possuindo um tom romântico e esperançoso.

Esses cartazes dispunham de cores vibrantes, destacavam paisagens e pessoas comuns e, contendo alguma frase curta e direta, transmitiam as mensagens em um tom positivo e inspirador. Esse conjunto técnico dava origem a um produto e acessível e que chamava a atenção, sendo esse um dos fatores que tornou a adoção desse meio uma das mais bem sucedidas estratégias do PCCh, visto que mesmo a

---

<sup>33</sup> LANDSBERGER, 2020, *op. cit.* p. 35.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 35. Tradução própria.

<sup>35</sup> Ainda segundo Prozczinski (2019), não existem informações viáveis sobre a quantidade de cartazes que foi impressa para cada uma das campanhas, ou mesmo qual das gráficas fez essa impressão (p.151), mas oferece um número estimado da produção da década de 1960, durante a política da Revolução Cultural, que elevaria o pensamento de Mao como caminho correto para o socialismo, foi considerada ao apogeu da produção e impressão de materiais visuais. Um dos cartazes com a imagem de Mao tem um número estimado em mais de novecentos milhões de cópias (p. 175). O que pode nos dar alguma dimensão do alcance das propagandas em anos anteriores.

população analfabeta – ainda maioria na China logo após a revolução –, conseguia facilmente assimilar a mensagem contida nos cartazes.

Também por sua beleza, e a partir do passado recente dos calendários ilustrados, os cartazes de propaganda encontravam outros fins ao serem utilizados pela população chinesa através da decoração, levando cor às casas, fábricas, empresas, dormitórios, escolas, salas de reunião etc., ou seja, estavam em todos os lugares.

Uma das bandeiras levantadas pelo PCCh na nova sociedade que se (re)erguia era de que a construção e o avanço da nação dependiam do esforço de cada um em favor do todo. Assim, eram incentivadas determinadas morais e atitudes através de modelos do que deveria ser um bom homem e uma boa mulher, cidadãos e trabalhadores comunistas (figura 1). Segundo Parnov <sup>36</sup>, nos anos 50, essa propaganda buscava valorizar o trabalho e incentivar a população a construir em si a ideia de sacrifício em prol da comunidade com entusiasmo e força para superar obstáculos rumo a reconstrução da nação através do socialismo.

Na China libertada da década de 1950, a mobilização dos meios de comunicação de massa, juntamente com a política igualitária maoísta, criou um sistema de representação simbólica no qual a imagem combinada, e não o modelo individual, era a principal preocupação<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> PARNOV, *op. cit.* 55.

<sup>37</sup> CHEN, Tina. **Female Icons, Feminist Iconography? Socialist Rhetoric and Women's Agency in 1950s China**. *Gender History*, v. 15, n. 2, p. 268–295, 2003. p. 270.

**Figura 2 – “Mudando-se para uma nova casa”. Cartaz, 1953.**



**Fonte:** <https://chinese posters.net/posters/d29-682>

Famílias são um ponto vital na construção de uma nação. Sua formação, prosperidade e crescimento a partir da geração de descendentes, pode ser atrelada a modelos de governança que conseguiram prover o que era necessário para tal.

Ao retratar um amplo plano com uma família composta por um homem, uma mulher e não apenas uma, mas duas crianças, a cena evidencia um ideal político. A colaboração dessas pessoas trará desenvolvimento à China, mas não apenas isso. Essa família, representante direta do povo chinês, está entrando em um novo mundo. A mudança não é apenas de casa, mas também de sistema e tudo que este pode lhes proporcionar.

O apartamento é novo, os móveis são novos e, junto ao rádio, o cenário alude à modernidade. Ali, aquela família que acaba de chegar, ainda com suas malas feitas, tem como prioridade pendurar o retrato de Mao Zedong e em um lugar alto, de destaque (retratação comum observada nos cartazes da época), ato que demarca a nova era através da correlação direta Mao-RPC e mais: simboliza que todo esse conjunto é fruto da revolução popular, que viabilizou tudo que agora essa família, – ou seja, a nação chinesa –, pode usufruir e continuar trabalhando por. A ação demanda a atenção e admiração de todos: a mulher e o bebê guiam o olhar do espectador.

Um ponto levantado por Landsberger<sup>38</sup> é que a vista da janela se assemelha a Nova Vila de Caoyang, um projeto modelo para trabalhadores construída em Xangai por volta de 1952. Não é coincidência que a figura adulta masculina vista uma boina típica na representação de trabalhadores da indústria.

Já nas figuras femininas, um ponto em comum chama a atenção: a relação com a erudição. A figura feminina adulta segura livros, que podem representar o incentivo do acesso da mulher ao letramento, forte campanha adotada pelo PCCh na RPC. Já a criança mais velha é adornada por um lenço vermelho, adereço símbolo do comprometimento de crianças e jovens estudantes com o PCCh. O adereço, objeto de muito prestígio, é concedido às crianças com excelência acadêmica e bom comportamento até hoje<sup>39</sup>. A posição de protagonismo da menina exemplar junto a figura masculina, paterna e proletária é simbólica: duas gerações prósperas segurando o quadro de Mao, assegurando presente e futuro da RPC.

Por fim, todos estão bem-vestidos, em harmonia, todos e cada um simbolizando ideais do Partido. Esses são o Novo Homem, Nova Mulher e Nova Sociedade socialistas, que deveriam exercer suas funções com primor pela prosperidade da nação, esta que estaria cheia de oportunidades para lhes oferecer.

Dessa forma, servindo principalmente para a propagação de ideais, os cartazes exibiam uma idealização da realidade, mostrando uma verdadeira harmonia entre a ficção e o fato<sup>40</sup>. Tal formato estava a serviço do Partido para mostrar um comportamento esperado dentro de determinada situação, fosse ela presente ou futura.

### 2.3.2 A Nova Mulher na Nova China

---

<sup>38</sup> Em nota sobre o cartaz “Moving To a New House” (figura 2). Disponível em: <https://chineseposters.net/posters/d29-682>. Acesso em: 22 abr. 2023.

<sup>39</sup> O lenço vermelho representa a integração de crianças e jovens de 6 a 14 anos na organização juvenil dos Jovens Pioneiros da China (também baseada na homônima na URSS) criada em 1949, e mostra o comprometimento de quem a veste com a ideologia do PCCh. O lenço é um símbolo de pertencimento e honra que engloba excelência em diversos aspectos como moralidade, aprendizagem, etiqueta e inteligência e seu recebimento é um marco na trajetória escolar. Aspirada pelas crianças, é motivo de muito orgulho para estas e seus responsáveis. Ao longo da sua trajetória pré-1949, o PCCh dirigiu vários movimentos juvenis em áreas controladas pelos comunistas, cujos foram muito relevantes para as suas vitórias.

<sup>40</sup> PROZCZINSKI, 2019, *op. cit.*, p. 153.

No processo de construção da Nova Sociedade Chinesa da década de 1950, o PCCh definiu uma nova forma representação artística da figura feminina, atrelada a campanhas políticas diversas. Em contraste com a aparência e conteúdo das Garotas de Calendário (2.1) de décadas anteriores, a Nova Mulher Chinesa dos cartazes de propaganda tinham um ar de exaltação e apontavam para um incentivo de inserção socioeconômica forte do grupo, importante na solidificação da RPC (figura 3).

No âmbito social, o PCCh aprovava leis e reformas muito importantes que direta ou indiretamente começavam a promover a emancipação feminina especialmente em relação à educação e ao trabalho, e na intenção de informar essas políticas às massas populares e gerar a manutenção do sistema, os cartazes entraram em cena.

**Figura 3 – “Mulheres na Nova China”. Cartaz, 1953.**



**Fonte:** <https://digitalcollections.hoover.org/objects/10599>

Para fins de análise mais detalhada, a figura 3 fora dividida em diferentes partes, mas antes, faz-se relevante um adendo: não se tem notas sobre a obra, o que seria interessante, visto que os quadros possuem descrições textuais – infelizmente não nítidas – porém, levando em consideração que os cartazes são formulados para

serem de fácil entendimento, em especial a um público majoritariamente analfabeto, podemos concluir que uma análise das imagens já pode nos dar resposta próxima acerca de sua mensagem geral.

De início, é importante destacar que o cartaz é dividido em quadros de dois tamanhos: um maior e central, o que pode significar um ponto de partida ou a mensagem final, e quadros menores nas laterais deste (possuindo mesma forma e tamanho), retratando diferentes cenas, que podem ser entendidas como prolongamento do quadro central, hipótese baseada a partir da percepção de uma repetição de figuras vindas do quadro principal, facilmente assimiladas através de sua vestimenta.

Tendo em mente que o realismo-socialista nas propagandas do PCCh preza pela simplicidade e fácil assimilação de ideais, o que veste o personagem está diretamente ligado à sua ocupação e função social, formando-se um cartaz composto por diferentes atividades trabalhistas encabeçadas por diferentes mulheres – que também representam a nação chinesa –, e que traz uma impressão de movimento, simultaneidade e de ação.

Embora essas representações sejam trazidas de forma coexistente, buscando entre outras coisas, retratar a diversidade da mulher socialista, os quadros fazem analogia a diferentes políticas sociais e econômicas empregadas pelo PCCh, que tiveram por sua vez maior ou menor relevância. É a partir desse ponto de conexão que será realizada a análise desse cartaz como um todo, ligando os personagens dos quadros adjacentes a seus equivalentes dentro do cartaz central, formando assim 6 categorias: A mulher Militar (1); A Mulher Letrada (2), A Mulher Camponesa (3); A Mulher da Indústria (4); A Mulher Cuidadora (5) e, finalmente, As Mulheres são bem-vindas à Nova China (6).

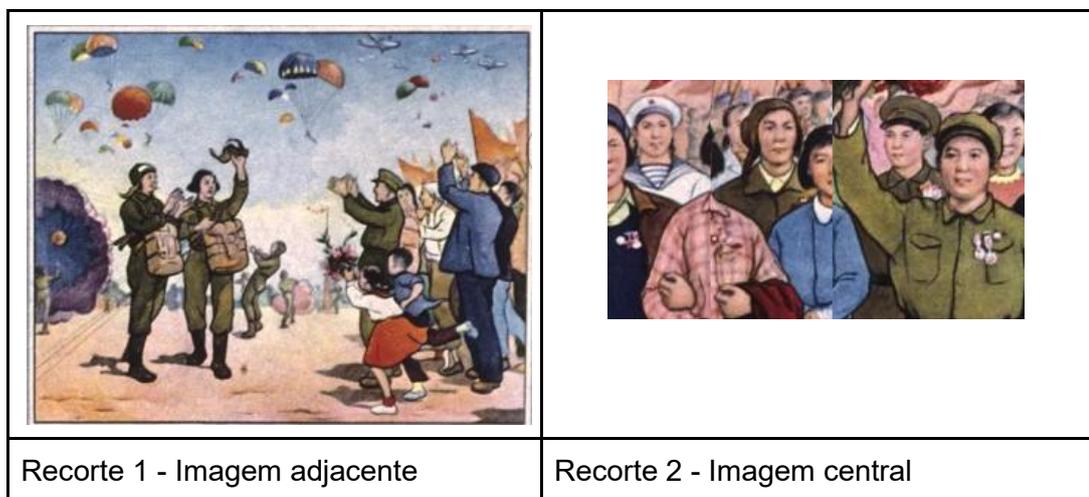
### 2.3.3 A Mulher Militar

O Exército de Libertação Popular - ELP, aparelho militar do PCCh, teve grande protagonismo durante o período pré-revolucionário, sendo a principal força através da qual foi possível o estabelecimento da RPC.

Como apresentado no ponto 2.2, dentro do Exército Vermelho/ELP, as mulheres foram parte ativa, combatente e militante, essenciais no processo revolucionário. Servir ao Exército de Libertação Popular se tornou algo muito popular

entre as meninas por abrir possibilidades de emancipação através da educação e treinamento nos colégios militares. Isso as permitiu construir carreiras nas mais diversas áreas, algumas chegando até a ocupar altos rankings. Os recortes 1 e 2 e a figura 3 fazem referência a essas mulheres e ao ELP, indicando, além de uma homenagem, mostrar às mulheres e à sociedade que estas tinham a possibilidade e capacidade de ocupar postos militares – tradicionalmente associados aos homens –.

**Quadro 1** – Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando a mulher militar.



**Fonte:** Elaboração Própria.

Trajadas em uma variedade de tipos de uniformes militares, essas mulheres são representadas felizes e sendo aclamadas pelas massas compostas por mulheres e homens, os quais identificamos, através de sua vestimenta, estudantes (lenço vermelho), operários (boinas e fardas azuis) e camponeses (lenços cobrindo a cabeça).

**Figura 4 – “Mulheres paraquedistas da Nova China”. Cartaz, 1953.**



**Fonte:** <https://chinese posters.net/posters/e15-27>

Um dos temas que inspirou muitos cartazes após a fundação da RPC, reverberando, inclusive, até os anos 80, foram as mulheres paraquedistas: sempre retratadas voando ou após um pouso bem-sucedido (figura 4), em um cenário a céu aberto composto por cores quentes. Isso pode indicar uma referência à liberdade, ou seja, que agora, através da China socialista (representada através das bandeiras vermelhas e reforçada pelo título do cartaz), estavam longe da opressão daquela China pré-revolucionária, agora podendo realizar seus maiores sonhos, como o ato de voar.

Seguradas por homens e por mulheres, toda a nação parece comemorar aquele que era não apenas o sucesso da manobra de pouso, mas um sucesso da RPC, que deveria ser entendido como um sucesso de todos. A China Popular possibilitava às mulheres de alçar voos altos à serviço da nação sem nenhum tipo de impedimento.

Um ponto importante a ser apresentado é que houve uma tendência em parte dos cartazes do período de uma omissão de traços de feminilidade (maquiagem, seios marcados e cabelos à mostra) em favor do que Proczinski define como uma “aproximação ao masculino”<sup>41</sup> (recorte 2). As mulheres vestem uniformes que também

<sup>41</sup> PROZCZINSKI, 2019, *op. cit.*, p. 101.

são usados pelos homens e, por vezes, o único fato que nos faz as perceber enquanto mulheres é o título dos cartazes.

Chen<sup>42</sup> argumenta que, ao trazer essa indiferenciação entre os gêneros, o Partido buscava desafiar a máxima de expertise técnica associada apenas ao homem, mas sempre deixando claro em algum ponto (como nos títulos), que se tratava de mulheres. Ou seja, por trás dessa escolha estética estaria a intenção de mostrar que mulheres poderiam e deveriam ocupar essas funções.

Ao possuir em perspectiva a importância desse grupo para o processo de construção da RPC, enxergamos a relevância dessa representação, que vinha com um tom de exaltação dessas mulheres, muitas vezes as colocando num patamar de igualdade de gênero. Através dessa propaganda, o Partido incentivava a maior participação militar, mas, principalmente, buscava enfatizar que era positivo o esforço desse grupo em função da nação, servindo como exemplo a ser seguido.

#### 2.3.4 A Mulher Letrada

O combate ao analfabetismo foi uma das primeiras e mais importantes campanhas a serem estabelecidas na RPC e, sendo a emancipação feminina uma das principais bases do socialismo chinês, o letramento desse grupo era imperativo. Para além dos cartazes, as campanhas relacionadas à essa política também foram transmitidas através do rádio e publicadas em jornais e revistas, assim expandindo o seu alcance e produzindo resultados positivos a curto e longo prazo.

O processo de letramento para o PCCh não consistia apenas no ato de aprender a ler, mas, segundo o pensamento de Mao, deveria obrigatoriamente ser um ensino formador de uma consciência política comunista para construir uma nação consciente e militante, conseqüentemente formando uma RPC forte:

a) Os professores devem ser formados em educação moral, educação intelectual e esportes, tornando-se trabalhadores alfabetizados com consciência socialista.

[...]

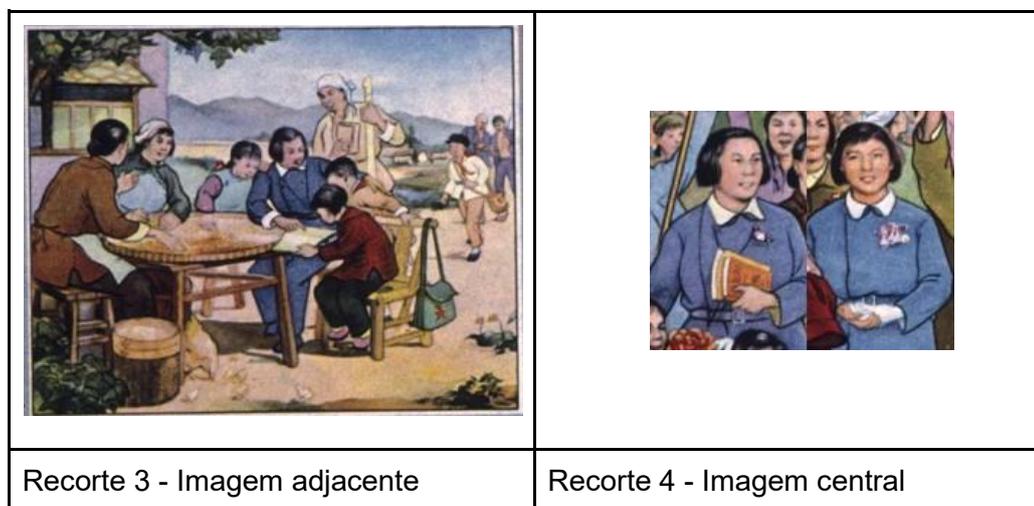
c) O mesmo é verdade para os estudantes. Eles são principalmente estudantes e eles aprendem de forma diferente, isto é, eles não apenas aprendem a língua, mas também estudam os operários, aprendem com os camponeses, estudam o exército e criticam a burguesia. O sistema escolar deve ser encurtado, a educação deve ser revolucionária, e o fenômeno dos intelectuais burgueses que governam nossa escola não pode continuar.

---

<sup>42</sup> CHEN, *op. cit.*, p. 275.

[...]<sup>43</sup>

**Quadro 2** – Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando as mulheres educadoras.



**Fonte:** Elaboração Própria.

As professoras trazidas nos recortes 3 e 4 estão como representantes desse acesso ao letramento e inerente formação política das mulheres. No recorte 3, temos exaltados o esforço de dois grupos principais: primeiro o da educadora, identificada por sua farda característica. Essa professora, notadamente formada na área urbana, usando de seu conhecimento em favor do desenvolvimento da nação, vai até a área rural e se mostra entusiasmada para ensinar a todos sem distinções de idade ou limites de estudantes: de crianças (dentre os quais três estudantes que parecem estar chegando da escola, identificados pelo lenço vermelho e acompanhados por bolsas com o símbolo socialista da estrela vermelha) à adultos, todos estão sentados à mesa em grande expectativa para aprender.

O segundo grupo é o da mulher camponesa, que, indicado através do uso de lenços na cabeça e aventais, está diretamente relacionado ao trabalho doméstico e camponês, como denota a figura de pé a segurar o que pode ser uma enxada ou uma vassoura. A composição de toda a cena leva a conclusão de que todos ali pararam momentaneamente suas obrigações para se dedicar aos estudos, o solidificando como uma prioridade.

As políticas de incentivo ao ingresso escolar por meio dos cartazes mostravam que até as mulheres com mais idade poderiam e deveriam buscar os estudos. Tal

<sup>43</sup> PROZCZINSKI, 2019, *op. cit.*, p. 122.

ação deveria ter apoio total de todos que pudessem contribuir, como crianças e jovens letrados, intelectuais da cidade e professores.

**Figura 5 – “Todo jovem intelectual do campo deve cuidar de um analfabeto”.**  
Cartaz, 1955.



Fonte: <https://chinese posters.net/posters/e16-628>

A figura 5, como destaca seu título, diz respeito a uma jovem intelectual alfabetizando uma camponesa, cuja possui uma expressão de atenção e interesse. Ambas sustentam um olhar que parece sonhador. O ‘todo’ no título traz um tom de reforço a ideia de esforço pessoal em prol do avanço da nação socialista, algo que vislumbramos ser promissor por meio do posicionamento, iluminação e gesto das personagens, que projetam o seu olhar para o horizonte, podendo ser interpretado como um olhar para o futuro promissor que estão a construir.

Também é possível notar que a jovem tem parte do braço para além dos limites do cartaz, cujo possui um recuo maior do lado esquerdo para esse fim. Um conjunto que pode querer destacar esse ideal de avanço, de algo para *além* ou a *quebra* de uma limitação, como o analfabetismo.

### 2.3.5 A Mulher Camponesa

No momento da proclamação da RPC, o PCCh, que segue sendo a força modeladora e diretora do regime, tinha 4,5 milhões de membros, nove décimos dos quais de extração camponesa.<sup>44</sup>

O campesinato era parte integral ao desenvolvimento da sociedade socialista da RPC, porém, dada a estrutura agrária feudal e latifundiária chinesa no momento da instauração da RPC, se fazia necessário passar por reformas socialistas, ou “socialização”<sup>45</sup>. Possuindo como exemplo a experiência da União Soviética e também através de seu apoio, a RPC traçou o que seriam os 3 pontos que possibilitam essa transição: 1. Redistribuição de terras através da Reforma Agrária; 2. Coletivização das terras e 3. Desenvolvimento de uma indústria forte que também levaria ao desenvolvimento do campesinato.

Ao passo que a economia camponesa é descentralizada, a socialização da agricultura, de acordo com a experiência da União Soviética, exigirá muito tempo e muito trabalho árduo. Sem a socialização da agricultura não pode haver socialismo completo e consolidado. E para socializar a agricultura temos de desenvolver uma indústria poderosa com as empresas estatais como os seus principais componentes.<sup>46</sup>

A primeira das medidas para essa reestruturação foi a aprovação, em 1950, da Reforma Agrária, um imenso marco econômico e social para a China, que promoveu um processo de redistribuição da terra em lotes para todo camponês adulto, promovendo a melhora na sua condição de vida. Um dos pontos mais importantes é que a Reforma não delimitou um gênero a ser contemplado pelo lote, o que levou a inclusão das mulheres no processo, representando uma enorme conquista para o grupo e uma consequente ampliação de mão de obra produtiva para abastecimento da nação. Outro marco importante que vinha a somar nesse cenário era que o trabalho foi legalmente reconhecido como direito tanto para os homens como para as mulheres, gerando ainda mais incentivo a sua inserção produtiva.

---

<sup>44</sup> OLIVEIRA, Amaury. **A China em Busca da Terceira Reforma Agrária**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. [s.d.]. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/portodeoliveirachina.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2023

<sup>45</sup> MEISNER, M. **Mao's China and after: A history of the People's Republic**. Nova Iorque, Nova Iorque: Free Press, 1999. p. 100.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 100-101. Tradução própria.

**Quadro 3** – Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando as mulheres camponesas.

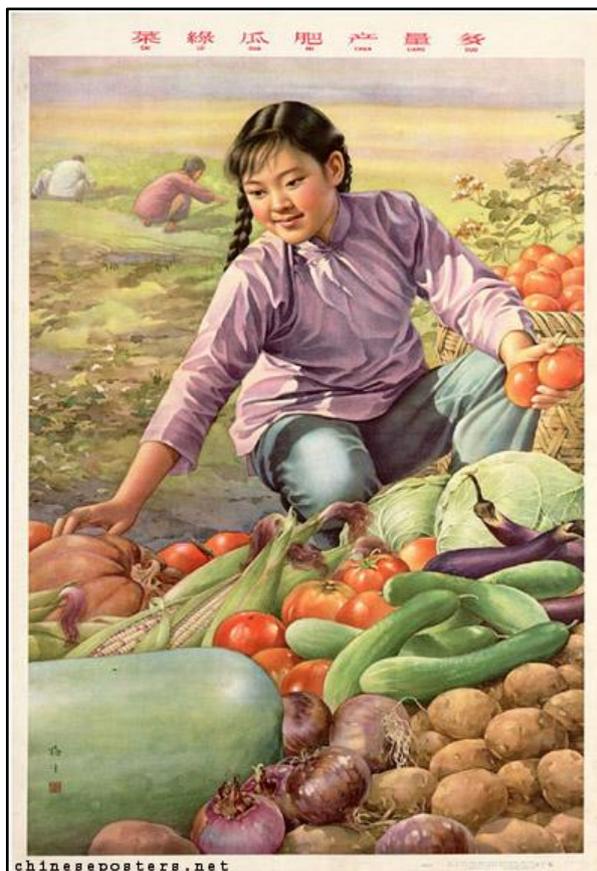


**Fonte:** Elaboração Própria.

Era sob esse plano de fundo político-social que estavam inseridos os cartazes de propaganda que retratavam as camponesas, normalmente trazendo jovens vibrantes, fortes e dispostas, sempre atuando no trabalho campesino, fosse na produção de cereais, hortaliças ou animais, como vemos no recorte 5 e na figura 6, que trazem cenas do trabalho camponês. O quadro está repleto de figuras femininas, – inclusive em maior número que as masculinas –, e que, também, por estarem ao centro da imagem e voltadas para frente, – contrastando com os homens – é possível concluir que aquele cartaz pretendia dar ênfase àquele grupo e sua ação.

A atenção que elas possuem das demais figuras – direcionada também pelo enquadramento –, aponta tanto para uma integração entre gêneros no trabalho campesino quanto denota a sua relevância. É possível dizer que a mensagem pretendia difundir diretamente as políticas relacionadas ao campesinato e associar o trabalho no campo à emancipação feminina ao retratá-las como fortes: carregando um fardo pesado que simula uma igualdade de funções entre os gêneros e assim também pretendendo ser um incentivo para a maior inserção produtiva dessas mulheres gerando aumento da mão de obra.

**Figura 6 – “Os vegetais são verdes, os pepinos são grandes, a produção é abundante”. Cartaz, 1956/1959<sup>47</sup>.**



**Fonte:** <https://chinese posters . net/posters/e11-992>

Ainda na década de 1950, um momento particular teve vasta representação feminina no trabalho no campo, período no qual foi posto em ação de um grandioso projeto econômico chinês: O grande Salto para Frente, implantado em 1958 a partir do sucesso resultado da reconstrução econômica vinda do Primeiro Plano Quinquenal.

O Grande Salto colocava em prática uma política de desenvolvimento nacional em função da transição completa ao socialismo: investimento na indústria “moderna, de larga-escala, urbana e principalmente pesada”<sup>48</sup>, associado ao investimento no

<sup>47</sup> Segundo consta nas notas do cartaz no acervo Chinese Posters, a primeira publicação do cartaz seria datada de 1956, mas sendo reimpresso em diversos momentos e sendo esta própria uma cópia de uma edição de 1959. “Nos anos de quebras de safra e fome após o Grande Salto para Frente, este cartaz com sua comida abundante é reimpresso várias e várias vezes. Uma primeira edição deste cartaz já foi publicada em 1956. Esta cópia em particular é uma reimpressão de agosto de 1963 da edição de 1959. O número total de cópias ultrapassa um milhão.” Disponível em: <https://chinese posters . net/posters/e11-992>. Acesso em: 30 fev. 2023.

<sup>48</sup> JACKA, Tamara. **Women's Work in Rural China: Change and Continuity in an Era of Reform**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 32.

setor agrícola (viabilizado através da formação de cooperativas de camponeses), assim formando propriedades de produção coletivas ou ‘comunas populares’, o que tornaria possível atingir as metas de produção estabelecidas.

Sendo tema amplamente retratado nos cartazes, o Grande Salto também pretendia favorecer a imagem e a vida do camponês, eliminando o estigma da superioridade do trabalho intelectual sobre o manual e articulando a formação técnica à política.

Porém, por múltiplos fatores, os resultados do Grande Salto para Frente não saíram como o planejado e o que se estabelecia como um saldo negativo de crescimento da agricultura e indústria, foi agravado por grandes desastres naturais que assolaram a China no final da década de 1950 e início da de 1960. Essas catástrofes ampliaram uma crise alimentícia que já surgia a partir dos efeitos do plano com a queda da produção e o colapso do sistema de distribuição, conjunto de resultado catastrófico que matou milhões de chineses e levou o Grande Salto ao fim em 1962.

Entretanto, o Grande Salto suscitou uma série de problemas. Nas Comunas Populares, muitas vezes, os elementos que deveriam ser de propriedade privada foram coletivizados, inclusive objetos pessoais. Além disso, no afã de alavancar a produção, geralmente, impôs-se ritmos de trabalhos extenuantes tanto nos campos quanto nas cidades. Somado a isso, empolgados em alavancar a produção industrial chinesa, muitos camponeses começaram a negligenciar a produção de alimentos, e a priorizar a de metais, especialmente de aço, derretendo até mesmo panelas e bijuterias, gerando aço de baixa qualidade e contribuindo para a escassez de alimentos e crises de fome na virada dos anos 1950 para os 1960<sup>49</sup>.

A figura 6 traz uma jovem camponesa de bochechas coradas e expressão tranquila, indicando uma vitalidade e disposição para exercer o trabalho. Ela é acompanhada por outros a realizar a atividade mais ao fundo e o que ela está a colher não enche apenas o seu enorme cesto: possui grande variedade, brilho e robustez – sendo inclusive discriminada no título do cartaz – e ocupa metade da cena.

O retrato da abundância na colheita nos cartazes desse momento histórico vem majoritariamente acompanhado do protagonismo da figura feminina e apontavam para a intenção de mostrar os frutos que viriam a partir do sucesso do Grande Salto – e dentro disso a potência que tinha o campo –, e mais tarde podendo ter servido para incentivar um esforço comunitário para reverter o cenário de crise.

---

<sup>49</sup> PARNOV, *op. cit.*, p. 39.

### 2.3.6 A Mulher e a Indústria

Desde sua fundação, o PCCh teve a União Soviética e seu processo revolucionário como modelo e contou com seu apoio na construção do sistema ideológico e econômico da RPC. Na década de 1950, a União Soviética auxiliou a construção de 156<sup>50</sup> projetos na RPC, fosse com fornecimento de capital, de material de última geração ou o conhecimento técnico especializado para setores econômicos. Um desses projetos, assim como executado na URSS, foi I Plano Quinquenal (1953-1957), uma das etapas fundamentais na transição para o socialismo. O Plano tinha por objetivo a modernização e desenvolvimento dos meios de produção, especialmente através da indústria que, priorizada pelo Plano, recebeu 77,5% dos investimentos contra os cerca de 8% da agricultura<sup>51</sup>, setor que, inclusive, passaria a ter sua produção atrelada ao abastecimento dessa indústria não apenas com alimentos, mas também com matéria-prima.

De modo geral, a construção dessa indústria estatal foi uma atividade que recebeu ampla atenção dos cartazes da década de 1950 e seus efeitos positivos já eram destacados pela propaganda antes mesmo da implantação do Plano, o que reforça o caráter idealista dos cartazes. O alto investimento de propaganda nesse tema, entre outros, pode ser explicado pela necessidade do aumento da mão de obra para viabilizar essa industrialização.

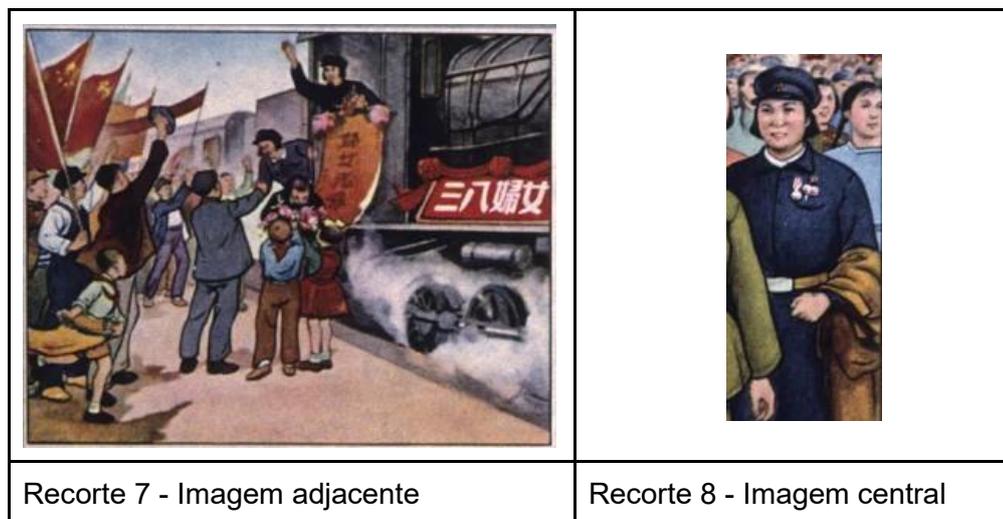
Nesse contexto, surge uma imagem de mulheres símbolo da industrialização: figuras jovens que ocupavam variados postos de trabalho, como a indústria leve (têxtil) e pesada (siderúrgica), construção civil, a condução de maquinários pesados etc., vindo a incentivar o público feminino a ocupar esses postos, cujos estariam diretamente ligados à sua emancipação, mas também ao desenvolvimento do socialismo e, diretamente, da sociedade chinesa como um todo. “A necessidade de produzir mais do que antes, se não fosse explicitamente declarada no slogan, era a mensagem óbvia.”<sup>52</sup>

<sup>50</sup> GIORCELLI, Michela; BO, Li. **Technology Transfer and Early Industrial Development: Evidence from the Sino-Soviet Alliance**. National Bureau of Economic Research of Cambridge, 2021. p. 24.

<sup>51</sup> BARBOSA, M. **I Plano Quinquenal e a ascensão da indústria na China**. In: Caravana ANPUH 25 anos - Diálogos entre o ensino e a pesquisa, 2015, Recife. p. 2. Disponível em: [http://www.pr.anpuh.org/resources/download/1461882313\\_ARQUIVO\\_01.BARBOSA,MateusRicardo.pdf](http://www.pr.anpuh.org/resources/download/1461882313_ARQUIVO_01.BARBOSA,MateusRicardo.pdf) [...]. [S. l.: s. n.]. Acesso em: 05 jun. 2023

<sup>52</sup> LANDSBERGER, Stefan. Early Industrialization (1950-1955). In: Stefan Landsberger. **Chinese posters.net**. Disponível em: <https://chinese posters.net/themes/early-industrialization>. Acesso em: 18 ago 2023.

**Quadro 4** – Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando as mulheres maquinistas.



**Fonte:** Elaboração Própria.

Para mostrar às massas a potência daquela indústria que estava sendo erguida, que era moderna e avançada, se deu a grande utilização de locomotivas e tratores nos cartazes: ambos maquinários – que brilhavam de tão novos –, sempre eram desenhados de forma a enfatizar o seu tamanho e grandiosidade perante a outros objetos no cartaz, como as pessoas. Pode-se ler que a fumaça que expeliam indicava que estavam em plena operação e em movimento na direção do avanço da nação socialista chinesa.

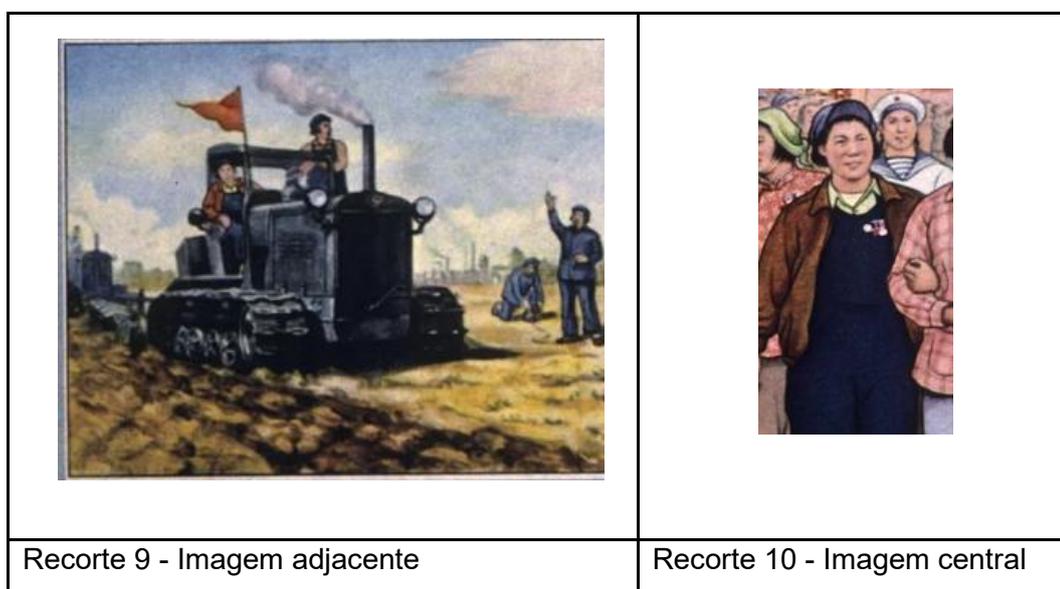
No recorte 7, duas maquinistas dirigem uma locomotiva. Elas estão sendo recebidas no que parece uma comemoração de uma conquista que protagonizam, visto que recebem flores e são saudadas por uma multidão composta por trabalhadores diversos, inclusive, em sua maioria do gênero masculino (à exceção das crianças, que também as exaltam e as admiram). A conquista pode fazer referência ao desenvolvimento que tanto o trem, quanto as mulheres que o guiam estariam a promover. Toda a nação socialista parece ser representada através dos operários, dos estudantes e das bandeiras comunista e chinesa.

Apesar de comunicarem uma mesma mensagem (a de modernidade atrelada ao desenvolvimento nacional), um ponto que diferencia os dois tipos de maquinário (recorte 7 e recorte 9) é que, enquanto a locomotiva vem nas propagandas dos cartazes, em maior parte, trazendo o que remete a uma reconstrução do país em vias urbanas, o trator está quase sempre alocado em um contexto rural, normalmente

operado por camponesas, as quais de fato recebiam uma robusta formação para operá-los. A retratação do maquinário no contexto camponês comunica o desenvolvimento industrial do campo, que foi feito através das políticas destinadas a mecanizar a agricultura, resultando na disponibilização de mais equipamentos mecanizados nas zonas rurais, como o próprio trator.

Soldadores, homens e mulheres, e trabalhadores em oficinas de motores de locomotivas revelaram-se excelentes temas para imagens inspiradoras, testemunhando não só a vitalidade da indústria chinesa, mas também o estado da arte dos seus produtos e o entusiasmo laboral dos seus trabalhadores<sup>53</sup>.

**Quadro 5 –** Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando as mulheres tratoristas.



**Fonte:** Elaboração Própria.

A mulher tratorista foi um dos ícones de maior circulação da modernidade socialista na RPC<sup>54</sup>. Essas mulheres estavam no grupo das que primeiro foram treinadas para usar maquinários pesados e quebraram muitos conceitos ao fazê-los. Sua relevância pode ser exemplificada pelo grande destaque que foi dado a Liang Jun, uma das primeiras mulheres a dirigir um trator. Sua história foi contada em

<sup>53</sup> LANDSBERGER, Stefan. Early Industrialization (1950-1955). In: Stefan Landsberger. **Chinese posters.net**. Disponível em: <https://chinese posters.net/themes/early-industrialization>. Acesso em: 18 ago. 2023. Tradução própria.

<sup>54</sup> CHEN, *op. cit.*, p. 3.

diversos livros (até escolares) e antologias e seu rosto chegou a estampar notas de 1 yuan<sup>55</sup>.

No recorte 9, essas mulheres parecem estar muito confortáveis exercendo sua função, dominando aquele maquinário imponente (ponto destacado pela diferença de escala entre o trator e as pessoas). O maquinário parece arar a terra – ajudando a atividade agrícola – com maestria. A bandeira vermelha não nega que aquela representação de modernidade é diretamente ligada ao novo status ideológico da sociedade chinesa.

Saindo de um lugar de opressão que representava a sociedade pré-revolucionária e chegando, por seu próprio esforço, ao posto de dominar um maquinário pesado e predominante masculino. De acordo com Chen<sup>56</sup>, para o Partido, essa mulher representava o que era de mais genuíno em sua ideologia: a chegada de uma modernidade socialista e a quebra visões de mundo confucionistas, feudais e capitalistas e das suas formas patriarcais concomitantes.

Essas imagens, que circularam nacional e até internacionalmente <sup>57</sup> representavam as mulheres que conduziam esses meios como membros importantes da nova China e, ainda que em maior parte esses maquinários fossem operados por homens<sup>58</sup>, Chen<sup>59</sup> afirma que, de fato, mulheres foram profundamente impactadas por essa política de grande apelo imagético, as fazendo sair de uma posição de opressão e ocupar esses espaços que promovem a sua emancipação.

Ao representar essas mulheres operando esse grande e moderno maquinário, o PCCh exaltava a sua capacidade intelectual de realizar o trabalho e exaltava os eu esforço para oferecer modernidade e desenvolvimento à nação, ponto que pode ser

---

<sup>55</sup> LANDSBERGER, Stefan. Tractor Girls. *In*: Stefan Landsberger. **ChinesePosters.net**. Disponível em: <https://chinese posters.net/themes/tractor-girls>. Acesso em: 18 ago. 2023. Tradução própria.

<sup>56</sup> CHEN, *op. cit.*, p. 270.

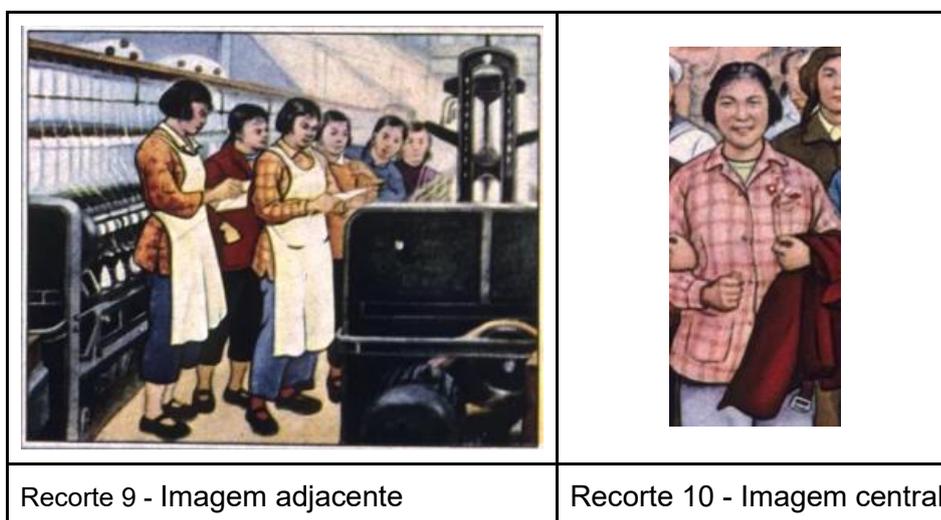
<sup>57</sup> Além da representação nos cartazes, as maquinistas circulavam por outros meios de comunicação, à exemplo da primeira edição da Revista China Reconstructs em 1952 (ver mais sobre na nota 25), que traz, a partir da foto de uma jovem maquinista, um texto com reflexões acerca da mudança de paradigmas históricos que a cena representa, sendo a jovem uma das seis primeiras mulheres habilitadas a conduzir um bonde em todo o país. Ver: Women Drive Trams in Peking. **China Reconstructs**. n. 1, jan-fev, 1952. Pequim: China Welfare Institute. p. 34. Disponível em: <https://www.marxists.org/subject/china/china-reconstructs/1952/CR1952-01-sm.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

<sup>58</sup> LANDSBERGER, Stefan. Tractor Girls. *op. cit.*

<sup>59</sup> CHEN, *op. cit.*, p. 270.

interpretado através da fábrica posicionada atrás do trator no recorte 9, apresentando “como seria a nova e modernizada China”<sup>60</sup>.

**Quadro 6** – Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando as mulheres operárias.



**Fonte:** Elaboração Própria.

No quadro 6, é possível identificar trabalhadoras da indústria têxtil por meio de alguns fatores: o ambiente fabril, do típico uniforme de blusa xadrez, como na figura 6 (por vezes com estampas floridas como na figura 7), maquinário e rolos de algodão sendo transformados em linha. Naquele momento na China, o algodão, juntamente ao aço e carbono, era uma das principais matérias primas e o país começava a se destacar em sua produção, o que garantiu sua ampla representação nos cartazes de propaganda.

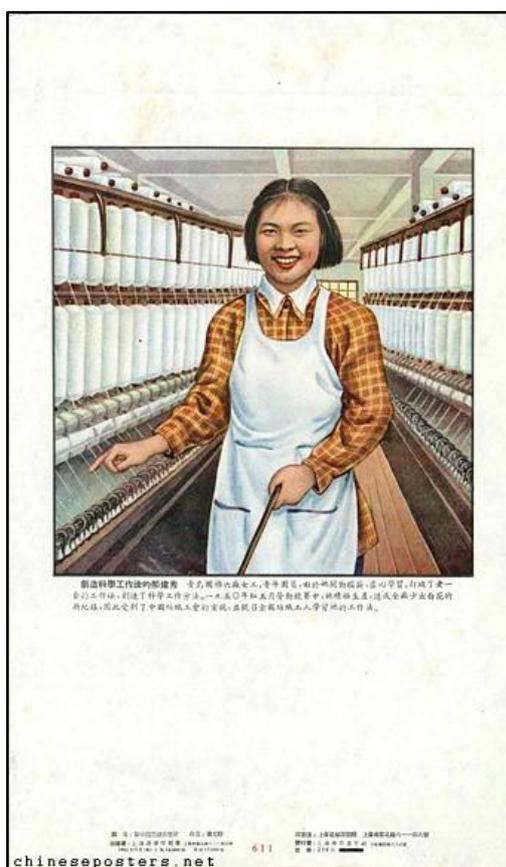
As duas mulheres fardadas e diferenciadas da demais pelo uso de aventais, seguram papéis e fazem anotações, o que implica que aquela atividade exige um nível de intelectualidade e demonstra que estas são letradas. Elas parecem explicar sobre o funcionamento do maquinário às outras mulheres, cujas, através de sua vestimenta diversa e expressão corporal de interesse, podemos supor que são recém-chegadas e estão em treinamento.

O cartaz frisa a dedicação e entusiasmo dessas mulheres jovens àquela atividade, que também pode ser lido como um entusiasmo pela industrialização como um todo. Essa indústria mostra sua potência ao ser representada por um grande e

<sup>60</sup> LANDSBERGER, Stefan. *Tractor Girls. op. cit.*

moderno maquinário, que ocupa grande parte do cartaz – inclusive em primeiro plano – que realiza atividades automáticas. Não há dúvidas, a partir desse ambiente destacadamente novo, limpo, moderno e muito bem-organizado que o setor está preparado para receber essas mulheres e ser um meio para o desenvolvimento chinês.

**Figura 6 – “Hao Jianxiu, que criou um método de trabalho científico”. Cartaz, 1953.**



Fonte: <https://chineseposters.net/posters/c32-475>

A indústria têxtil, em especial, se mostra nos cartazes um ambiente diretamente relacionado às mulheres, tendo em vista que entre os demais cartazes analisados da década de 1950, não se tem a relação da figura masculina a esse setor<sup>61</sup>. Aqui é

<sup>61</sup> Análise feita a partir do uso dos filtros “textile workers” (trabalhadores da indústria têxtil), “cotton” (algodão), “spinning mill” (fiação), “miner” (minerador) e “steel workers” (trabalhadores da indústria do aço) a partir do acervo em <https://chineseposters.net/>. Nos 3 primeiros filtros, relacionados à indústria têxtil, foram encontrados 11 cartazes da década de 1950, dos quais 100% não continham homens e 100% continham mulheres. No último filtro, relacionado à indústria siderúrgica, dos 20 cartazes da década de 1950, 100% possuem a figura masculina e em 9 estes dividem espaço com a figura feminina, porém em quase totalidade estas estão caracterizadas como trabalhadoras camponesas ou da indústria têxtil (a mesma observação é feita com o filtro “miner”). Apenas no cartaz “We and ore together

notado um paradoxo entre um projeto que promove a igualdade de gênero no trabalho ao mesmo tempo em que associa as mulheres majoritariamente à indústria leve (como a alimentícia e têxtil), e os homens à indústria pesada (no caso, siderúrgicas).

**Figura 7 – “Trabalhe duro para completar o plano nacional – Construa uma grande pátria socialista”. Cartaz, 1957.**



Fonte: <https://chinese posters.net/posters/pc-1955-025>

O cartaz 7 é dividido em proporções iguais comparativas, porém em dois universos diferentes:

1. O do homem operário, que através do capacete e britadeira pode ser identificado enquanto minerador. Rodeado por crianças de ambos os gêneros, que seguram flores (identificadas em ambos os lados), um trator e um navio, cujo últimos estão associados simbolicamente apenas à figura masculina;

2. O da mulher operária da indústria têxtil, identificada através de seu típico fardamento e o tecido dobrado no ombro. Igualmente rodeada pelas mesmas crianças, porém, nesse caso, estas servem bandejas com uma garrafa térmica e

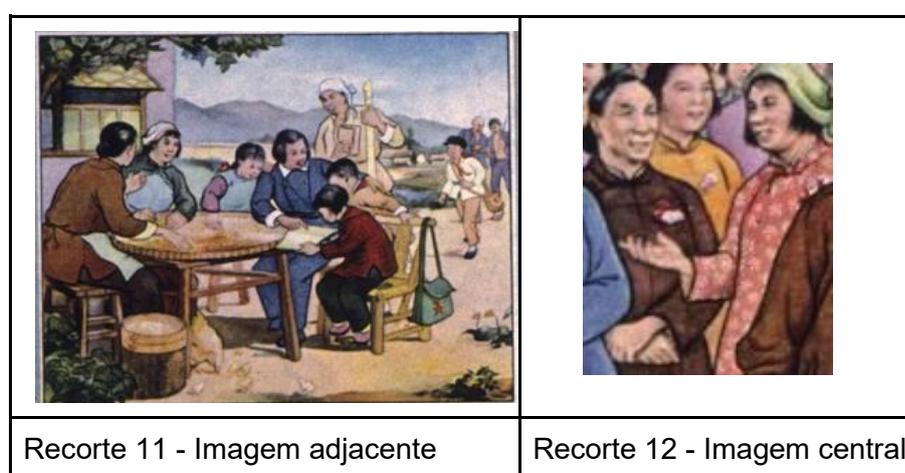
---

make steel!" (<https://chinese posters.net/posters/pc-1959-00>) pode se entender que a mulher também é uma trabalhadora da indústria do aço, porém a sua veste distinta da figura masculina (o que pode indicar funções diferentes) e o seu posicionamento um pouco atrás deste, o ajudando a segurar uma barra de ferro – matéria prima da produção – nos indicam um lugar feminino secundário, não protagonista.

copos, além de uma pilha de roupas, o que reforça, de forma geral no cartaz, a diferenciação de trabalho e funções sociais por gênero, estando a mulher relacionada a um universo semântico do trabalho “leve” e de serventia e o homem do trabalho pesado siderúrgico e de grandes maquinários.

### 2.3.7 A Mulher Cuidadora

**Quadro 7** – Recortes da imagem adjacente e da imagem central da figura 3 destacando a sogra.



**Fonte:** Elaboração Própria.

Os recortes do quadro 7 trazem uma figura interessante e quase passa despercebida – até mesmo por não possuir tanta representação nos cartazes de propagandas –: a sogra. Sempre retratada com vestes mais fechadas de cores sóbrias e com o cabelo amarrado em um coque.

No período pré-revolucionário, ao casarem as mulheres iam obrigatoriamente morar com o marido e conseqüentemente a família deste. Nesse contexto, as sogras, mães desses homens, exerciam uma “tutela feroz”<sup>62</sup> sob essas mulheres. Sendo assim, historicamente, não era uma relação conhecida pela harmonia, contrário ao que é visto na figura 8, algo que demonstra o caráter positivo dos cartazes.

A pouca representação da sogra nos cartazes de propaganda traz ainda mais luz sobre os momentos em que são representadas, refletindo a intenção do PCCh em representar todo o conjunto camponês e operário sem exceção, reforçando que todas

<sup>62</sup> DABAT, *op. cit.* p. 9.

as pessoas fossem de quaisquer gêneros, ocupação e grupo social, – como as mulheres e suas sogras –, devem estar unidos em prol do todo.

No recorte 11, vemos que essa personagem também faz parte do grupo de mulheres que estão se esforçando no processo de letramento, afinal, enquanto mulher, é impactada pelas políticas emancipatórias daquela década, mas também sendo reconhecida como parte importante a compor a sociedade socialista. Como apontado anteriormente, o seu avental implica que está a realizar algum trabalho, e no cartaz 8 se apresenta a exaltação de uma função já habitual desse grupo: o cuidado com o lar.

**Figura 8 – “Uma nova família que é democrática, pacífica e engajada na produção unida”. Cartaz, 1954.**



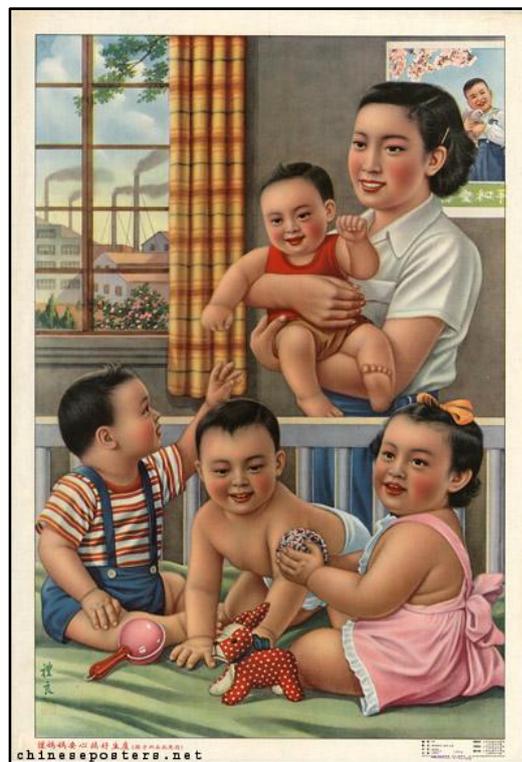
**Fonte:** <https://chinese posters.net/posters/e15-286>

O título da figura 8 indica o que seria uma configuração familiar campesina socialista ideal: o homem trabalhador do campo (representado segurando ferramentas próprias de trabalho no campo associado à janela ao seu lado exibindo a infinidade da terra) acompanhado de sua esposa, também trabalhadora do campo. Essa mulher mais jovem deixa seus filhos sob os cuidados de sua sogra, que exerce essa função com alegria, remetendo a uma avó carinhosa. Cabe à figura feminina de mais idade a responsabilidades sob o trabalho doméstico, incluindo o cuidado com as crianças, para que os pais possam trabalhar e produzir plenamente.

Ainda que o cartaz seja acompanhado de figuras masculinas, fica claro que o protagonismo deste está nas três figuras femininas: 3 gerações diferentes

simbolizando um pacto semiótico de representação e esforço conjunto. Todos possuem expressões alegres, rostos corados e roupas que parecem novas. A figura de Mao aparece mais uma vez (assim como na figura 2) em um retrato perfeitamente enquadrado na parede da casa. A cena representa uma harmoniosa família que, cada um no exercício de sua função, trabalham juntos pelo desenvolvimento socialista ao mesmo tempo que desfrutam dos avanços possibilitados pelo sistema.

**Figura 9 – “Deixe as mães fazerem seu trabalho em paz”. Cartaz, 1954.**



**Fonte:** <https://chinese posters.net/posters/e39-153>

A figura 9 se assemelha à análise da anterior, especialmente levando em consideração o seu título. O cartaz retrata uma creche, na qual uma mulher jovem cuida atenciosamente de vários bebês em grande destaque, implicando diretamente que são várias as mães que deixaram seus filhos sob os cuidados daquela profissional e foram trabalhar notadamente fora do ambiente doméstico: é possível ver as chaminés de uma fábrica em pleno funcionamento através da janela, cena bem iluminada e que chega quase à metade do cartaz, atestando a sua importância.

Em complemento, as cortinas, em estampa xadrez, parecem aludir ao fardamento característico das operárias têxteis, como visto no quadro 6 e figura 6, fechando a relação entre todos os elementos do cartaz: a trabalhadora da indústria

têxtil deixa seu filho com a trabalhadora da creche para ir para a fábrica, que está a uma caminhada de distância – ressaltando o bom planejamento urbano e seu pleno funcionamento –. É notável o quão, mesmo não aparecendo diretamente no cartaz, as operárias estão tão fortemente representadas através de símbolos.

Além disso, nota-se que todas as crianças parecem ter a mesma idade, em torno de um ano, ou seja, – tendo em vista a data do cartaz – já seriam nascidos na já estabelecida RPC. Isso é relevante porque parece sutilmente associar a possibilidade de ambos os grupos de trabalhadoras exercerem um ofício fora de casa e em centros urbanos – sendo aqui o trabalho lido como uma forma de emancipação – aos avanços promovidos pelo estabelecimento da RPC.

Pode-se dizer que os dois grupos de mulheres estão a contribuir com a atividade industrial – um dos grandes pilares para o desenvolvimento da RPC – direta ou indiretamente, corroborando para o avanço daquela nação que promove tanta prosperidade (como é comum nos cartazes do período esse ponto pode ser observado a partir dos rostos sorridentes e corados e as roupas e cabelos alinhados), além disso, a trabalhadora da creche ao cuidar dos bebês, também está cuidando do futuro dessa China.

Segundo Landsberger<sup>63</sup>, a divisão sexual do trabalho ainda existia na RPC. Ao mesmo tempo que os cartazes de propaganda traziam as mulheres nas mais diversas atividades de produção industrial e agrícola, militar e política, incentivando através destes a igualdade de gênero, também reforçavam aquela que já era uma imagem relacionada à mulher há muito tempo: a do cuidado.

### 2.3.8 As Mulheres são bem-vindas à Nova China

---

<sup>63</sup> LANDSBERGER, Stefan. Women as Caregivers. *In*: Stefan Landsberger **Chinese posters.net**. Disponível em: <https://chineseposters.net/themes/women-caregivers>. Acesso em 11 ago. 2023.

**Quadro 8 – Recorte do quadro central da figura 3.**



**Fonte:** Elaboração Própria.

Similar a figura 2, o recorte 13 busca remeter a chegada – nesse caso, especificamente das mulheres – em uma nova era, e – entendido por meio do retrato da comoção popular – que tal acontecimento deveria ser celebrado.

A cena, que possui total destaque no cartaz completo (figura 3), faz referência a um acontecimento canônico: A Proclamação da República Popular da China por Mao Tsé-tung acompanhado das massas populares, em 1º de outubro de 1949 na Praça da Paz Celestial (Tiananmen) em Pequim, no portão de entrada para a Cidade Proibida, local que representa o seu “marco-zero” e se tornou um símbolo nacional e centro político para os chineses.

Como visto em outros cartazes (figuras 2 e 8), em uma parte alta do quadro, dessa vez na imponente construção histórica, está pendurado um retrato de Mao (mais uma referência canônica no cartaz), gerando uma associação entre o

acontecimento do cartaz e sua imagem enquanto o grande líder do PCCh, responsável pela união das massas populares rumo à Revolução de 1949.

De acordo com Chen<sup>64</sup>, ao explicar que dentro do sistema de propaganda nem todos os trabalhadores-modelo tiveram a mesma relevância e que a maioria destes eram vinculados a campanhas em períodos e locais específicos, se torna possível chegar a outro ponto de observação no recorte 13: a operária da indústria têxtil e a tratorista (identificadas por suas vestimentas características) são as únicas visivelmente de braços dados e estão ao centro da imagem. Esse destaque aponta para a importância econômica crucial que era dada ao projeto de industrialização (simbolizada nesses dois grupos) naquele momento de estabelecimento da RPC, o que explica a recorrência e/ou ênfase dessa representação nos cartazes nos primeiros anos da década de 1950.

Através da adaptação de um evento real para uma versão artística na qual a multidão é formada praticamente apenas por mulheres, podemos dizer que o cartaz traz como uma das mensagens possíveis destacar que aquele grupo também atuou na ação que o título apresenta: a chegada a uma nova China, a República Popular da China.

Elas marcham em frente, na direção do observador, como um convite, carregando com orgulho as bandeiras comunista e da RPC. As suas ocupações, retratadas nos quadros adjacentes, são como uma extensão/sequência daquele momento, na qual essas mulheres exercem uma gama de funções, algumas das quais antes da Revolução eram impedidas de realizar por conta das diversas facetas da opressão de gênero, mas que agora, na estabelecida RPC, podem exercer e, por meio desse acesso, alcançar uma emancipação plena.

Essas mulheres são “ícones do cotidiano”<sup>65</sup>, pois aparecem nos meios de comunicação como epítome de representação da China socialista, refletindo a noção de que todos os chineses tinham potencial para se tornarem exemplares, característica comum ao estilo realista-socialista. Isso faz com que, na presente análise, a figura 3 possa ser considerada uma das que melhor consegue oferecer um panorama acerca da majoritária forma de representação da mulher chinesa nos cartazes dos anos 50, pois, quase como um manual, o cartaz traz os que foram os principais tópicos de propaganda relacionados a estas.

---

<sup>64</sup> CHEN, *op. cit.*, p. 170.

<sup>65</sup> *Ibidem.*

Assim, todos os diferentes modelos de mulheres representadas se traduzem em princípios que toda mulher exemplar da RPC deveria seguir: serem trabalhadoras ativas; se esforçarem na busca contínua de seu aprimoramento técnico, intelectual e político e continuar engajadas na comunidade e nos cuidados do lar. A libertação de séculos de opressão que esse conjunto promovia às mulheres estava diretamente associada à mensagem de construção da nova China e é possível notar esses pontos sendo reforçados em diferentes níveis e de novas formas na propaganda das décadas seguintes, reverberando até 20 anos depois, nos anos de 1980, uma era de mudanças políticas e sociais na qual é possível observar uma nova imagem da mulher chinesa nos cartazes de propaganda.

### 3 A CHEGADA A DÉCADA DE 1980

#### 3.1 AS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS E NOVOS RUMOS

As décadas que se seguiram após a instauração da República Popular da China também foram períodos marcados por grandiosas políticas de cunho social e econômico, dentre as quais duas são comumente destacadas: O Grande Salto para Frente (1958-1962) e a Revolução Cultural (1964-1976). Seus efeitos foram decisivos para as grandes mudanças políticas e socioeconômicas que foram tomadas na década de 1980, a transformando em mais um marco notável e decisivo na história da China.

Em busca de tratar das decorrências calamitosas a partir do insucesso do Grande Salto (tratado no ponto 2.3.5) e seguir em seu propósito basilar de formação plena da nação socialista chinesa, o PCCh dá seguimento a outra política que também se tornaria histórica. Segundo Dantas<sup>66</sup>, o fracasso da política do Grande Salto gerou uma ameaça a liderança de Mao dentro do Partido e fez crescer fortes críticas a si, esse teria sido o motor do lançamento da Grande Revolução Cultural Proletária quatro anos depois do fim da política anterior. A Revolução Cultural Proletária, que inspirava principalmente jovens, pretendia dar continuidade à formação da sociedade chinesa especificamente através do socialismo de Mao (maoísmo), varrendo quaisquer influências capitalistas e burguesas – diretamente responsáveis pelas amplas desigualdades e atraso social – que viessem a restar na sociedade.

Essa máxima acabou por se desenvolver em uma perseguição a quem viesse a ter um discurso que desviasse ou criticasse a causa, atingindo de civis a líderes e membros do PCCh e mais tarde se tornando um fator que levou à sua desmobilização por acabar desembocando num caminho de caos social.

Existem muitas discussões sobre esse período: Dantas<sup>67</sup> aponta para um “não findado” estudo historiográfico sobre e um entendimento do Ocidente que é prejudicado pelo distanciamento sociocultural. O que parece ser um consenso é que

---

<sup>66</sup> DANTAS, Valná. **Mulher revolucionária: representações conflitantes**. In: AVIA! SEMANA DE DESIGN, 2018, Maceió. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2018. p. 22. Disponível em: <https://proceedings.science/avia/avia-2018/trabalhos/mulher-revolucionaria-representacoes-conflitantes?lang=pt-br>. Acesso em: 19 mar. 2023.

<sup>67</sup> *Ibidem*.

seu fim se deu nominalmente com a morte do Grande Líder Mao, deixando um saldo negativo de uma China com uma economia estagnada.

### 3.2 A NOVA SOCIEDADE SOCIALISTA CHINESA

Após a morte de Mao em 1976, Deng Xiaoping, que já possuía grande prestígio entre os setores membros do PCCh, ascende à liderança efetivamente em 1981, permanecendo no posto de dirigente até sua morte em 1997.

Entre 1978 e 1980, o PCCh concentrou a sua atenção na elaboração e implementação gradual de reformas estruturais que, como destaca Jacka<sup>68</sup>, representaram determinadas mudanças na ideologia do Estado e em sua estratégia política e econômica. Enquanto líder do PCCh, Deng buscou distanciar-se dos grandes acontecimentos falhos da última década em prol de uma nova imagem do Partido, denominada ‘modernização do socialismo chinês’.

Um dos maiores objetivos das reformas visava a recuperação e crescimento econômico do país, e, para tal fim, foi implantado outro grandioso projeto: As ‘Quatro Modernizações’<sup>69</sup> contemplando as áreas de Agricultura, Indústria, Defesa Nacional e Ciência e Tecnologia. Dentro do plano também estavam previstos: uma bem articulada abertura econômica ao exterior; atenção ao desenvolvimento da agricultura, indústrias de consumo e serviços; maior divisão do trabalho e especialização e a promoção de incentivos materiais e esforço individual. O sucesso do plano se daria em parte com a atração dos investimentos estrangeiros em Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) criadas especificamente para este fim.

O conjunto estratégico é popularmente conhecido como a ‘Política de Abertura’ e dava origem a um modelo de desenvolvimento político e econômico denominado por Deng como “socialismo com características chinesas”. Essas mudanças abriram caminho para transformações estruturais, formando uma nova sociedade com, inclusive, com novas influências culturais e artísticas que foram registradas nos cartazes de propaganda.

Apesar de os cartazes ainda possuírem força enquanto meio de propaganda política, novos formatos de comunicação eram empregados na China na chegada da

---

<sup>68</sup> JACKA, 1997, *op. cit.*, p. 40.

<sup>69</sup> Plano originalmente formulado ainda em 1964 por Zhou Enlai e Deng Xiaoping e possuiu um longo histórico de tentativas de implantação até aquele momento.

nova década e os já existentes meios, à exemplo da televisão e do rádio, aos poucos se tornavam preferíveis para direcionar a propaganda, tendo em vista uma crescente adesão do público.

Os novos meios de informação e a nova sociedade dos anos 1980 mostrava ao Partido que não era mais tão efetivo uma propaganda nos cartazes com conteúdo expressamente político. Com a Nova Era que se firmava, buscou-se o que seria uma arte com maior abrangência não apenas de conteúdo, mas também de estilo.

### 3.3 AS MULHERES E OS CARTAZES DE PROPAGANDA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA (RPC) NA DÉCADA DE 1980

#### 3.3.1 A Mulher na Nova Sociedade Socialista Chinesa

Na nova década de 1980, a recuperação econômica e o fortalecimento da China enquanto uma potência mundial estava dentre as prioridades do PCCh. Igualmente, era preciso assegurar a população chinesa acerca da capacidade do Partido em seguir aquele o rumo econômico e político proposto através das Quatro Modernizações. Dessa forma, analisando os cartazes de propaganda do período, é possível ver uma busca em transmitir à população chinesa confiança nas novas políticas, as significando enquanto a chegada em uma “nova era”, como pode ser interpretado na figura 10.

**Figura 10 – “Nós fazemos o futuro”. Cartaz, 1980.**



**Fonte:** <https://chineseposters.net/posters/e15-830>

Ao fundo da figura 10 há uma divisão geométrica de cenários que, enfatizados por diferentes cores e compostos por diferentes elementos, denotam uma alusão à modernidade: à esquerda, um foguete em uma base de lançamento acompanhado de outro em um movimento que atravessa o cartaz de ponta a ponta (será explorado mais à frente que o tema espacial era frequente nos cartazes da época), um helicóptero (podendo ser interpretado em associação ao céu, um espaço importante conquistado) e um grande maquinário de construção civil que parece dar forma a grandes edificações. Todos os elementos trazem uma dimensão de grandeza cercada de velocidade, ditada pela quantidade de ações que parecem simultâneas, ligadas por linhas curvas e arremetidas por um movimento que bagunça o cabelo da figura feminina que protagoniza o cartaz, passando uma sensação de liberdade.

Levando em consideração a intenção dos cartazes em propagandear ideias somado às políticas vigentes nesse momento, o cartaz alude ao programa de modernizações, em outras palavras, o ‘futuro’ da China, como descreve o título. Apresenta o início da Nova Era, mostrando à sociedade chinesa a grandiosidade que estava diante de si e que era assegurado pela administração do PCCh (representado por meio da sutil bandeira da China à esquerda sob a mão da personagem e discretamente em forma de broche na sua roupa), mas também pela figura imponente feminina que, ao entender a mão, parece carregar todo aquele conjunto de símbolos sob sua posse.

Landsberger<sup>70</sup> destaca que os cartazes desse período tinham frequentemente a figura feminina representada no que seria uma busca por inseri-las como representantes da modernização do país. Essa figura feminina representa a unidade das mulheres como um todo e este grupo também é posto como representando da nova sociedade chinesa, ou seja, também faz esse “futuro”.

Além disso, algo notável é a aparência específica que essa figura introduz: além dos cabelos esvoaçantes, seu rosto corado complementa a maquiagem leve que realça os olhos, um conjunto que destaca a feminilidade. Esse é um ponto que se apresenta predominante nos cartazes da década, junto ao indicativo da associação da figura feminina com a modernidade, aspecto que, inclusive, remete aos calendários comerciais dos anos 1920-1930, mencionados no capítulo 2.

Durante a década de 1980, com o avanço das novas políticas econômicas aplicadas, em especial referente às ZEEs, a indústria da beleza nacional ganhava força e era muito influenciada pelos padrões estéticos e moda estrangeira. Os rostos das mulheres retratadas nos cartazes de propaganda ganharam contornos suaves com queixos pontudos, traços euroasiáticos e pele pálida, contrastando, por exemplo, com as camponesas retratadas nos cartazes da década de 1950, cujas frequentemente representadas com a pele mais escura, uma referência do trabalho sob o sol.

[...] nas representações de propaganda os antigos uniformes unissex de Mao agora eram substituídos por vestes modernas e coloridas ligadas ao gênero. No caso das mulheres, vestidos, saltos espetados e penteados estilizados, no rosto, delineador, batom forte e cabelos soltos e ao vento. Tais mudanças na representação em comparação aos períodos anteriores apontam para as mudanças na sociedade chinesa e demonstram uma preocupação com o visual, que refletia as mulheres chinesas da época.<sup>71</sup>

Com base nas características e símbolos mais frequentes percebidos nas representações das mulheres da década e buscando traçar um paralelo junto às políticas propagadas e o contexto social desse grupo no mesmo período, a seguir, pretende-se criar categorias de análise a partir de cartazes de propaganda que sintetizam cada tema. Dentre os quais: A Mulher, os Bens e Serviços (1); A Mulher Materna e do Lar (2); A Mulher, a Intelectualidade e a Ciência (3) e A nova Mulher na Nova China (4).

---

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 202.

<sup>71</sup> LANDSBERGER, 2020. *op. cit.*, 178. Tradução própria.

### 3.3.2 A Mulher, os Bens e Serviços

Com a abertura estratégica da China voltada ao mercado externo a partir da política das Quatro Modernizações, o país passou por um *boom* no aumento no consumo de bens e serviços e os produtos dessa indústria logo ganharam seu espaço nos cartazes de propaganda, trazendo consigo uma associação indiscutivelmente positiva com a modernidade vinda da chegada à essa ‘Nova Era’ – palavras frequentes utilizadas nos títulos dos cartazes –.

Nessa década, especialmente quando comparado a décadas anteriores, é possível notar nos cartazes um tipo de propaganda persuasiva, mas sutil, com a veiculação de anúncios de empresas chinesas e estrangeiras de bens e consumo (figuras 11 e 12), semelhante às “garotas de calendário” (ponto 2.1).

**Figura 11 – “A Era do Sorriso”.** Cartaz, 1988.



**Fonte:** <https://chinese-posters.net/posters/e13-437>

É possível interpretar com maior profundidade esse ponto através de Ramos<sup>72</sup>, que fala sobre o conceito da “ilusão da modernidade Ocidental”, no qual a publicidade visa moldar a população para a prática do consumo, – associada a uma liberdade – a fim de indicar um alcance à modernidade, deixando para trás valores considerados como “tradicionais-ultrapassados”. No caso dos cartazes chineses do período, isso pode ser aplicado através de uma notável dicotomia entre a pouca representação do interior rural em favor das cidades urbanas e províncias costeiras, que se tornaram foco econômico por conta das modernizações<sup>73</sup>.

O triunfo de tal modelo em muito se deveu à capacidade de associar a modernização, exaustivamente propagandeada como positiva, à modernidade, um conceito fortalecido por estar muito próximo da ideia de um progresso inevitável que resultaria numa evolução, permitindo uma fisionomia menos apegada à tradição agrária do país. Como a industrialização não era para todos, o elemento materializado no cotidiano para favorecer a impressão de pertencimento dos sujeitos à modernidade foi a lógica do consumo, que entrou em pauta para que fosse possível uma igualdade mensurável diante do consumo de objetos que seriam os símbolos de felicidade e de bem-estar dos ‘novos tempos’<sup>74</sup>.

Expressamente associados ao gênero feminino, como pode ser visto na figura 11 e 12, o tema de Bens e Serviços e suas referências à modernidade se mostram como uma vitrine dos frutos das novas políticas do Partido. A figura 11 dá destaque a uma mulher maquiada, adornada de adereços e vestindo um avental e um crachá (o que a define enquanto uma trabalhadora), naquele que seria um quiosque de venda de bebidas enlatadas e em garrafa. A marca da empresa destacada nas latas e no papel à frente da vendedora reforça que se trata de uma propaganda voltada a divulgar uma empresa e incentivar o consumo de seu produto.

O conjunto da figura feminina que serve o produto ao espectador – e potencial consumidor – com uma expressão feliz pode ser lida como uma mensagem que influi que tudo o que veste, desde a maquiagem aos diversos adereços, até o local moderno e imponente que se encontra o quiosque, também está a ser oferecido a partir do consumo do conteúdo daquela latinha. Essa seria a ‘Era do Sorriso/Alegria’ descrita no título cartaz, leitura que também é pode ser estendida à figura 12.

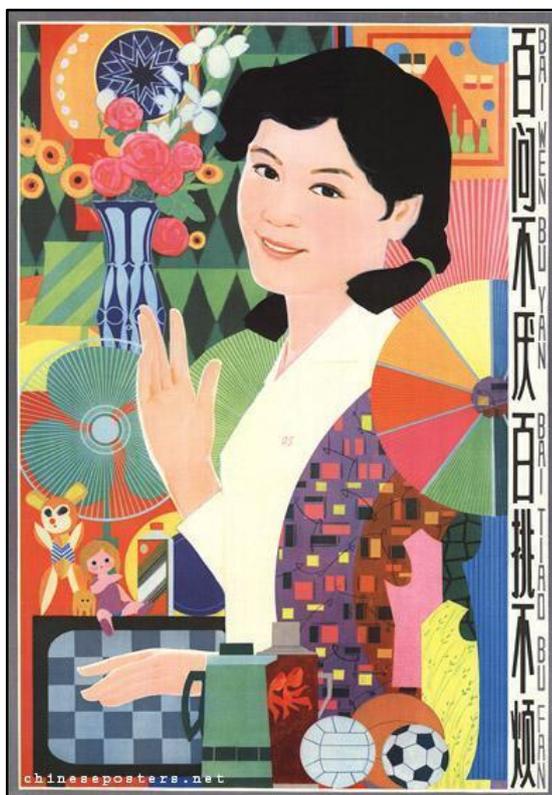
---

<sup>72</sup> RAMOS, Bruna. **Modernidade na lata: O impacto do consumo dos leites enlatados em virtude de um modelo de modernidade no Recife (1950/1964)**, 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

<sup>73</sup> JACKA, T. **Rural Women in Urban China: Gender, Migration, and Social Change**. Hoboken: Taylor and Francis, 2014. p. 41.

<sup>74</sup> RAMOS, *op. cit.*, p. 18.

**Figura 12 – “Não se canse de cem perguntas, não se irrite com cem escolhas”.**  
Cartaz, 1983.



**Fonte:** <https://chineseposters.net/posters/e13-285>

A figura 12 chama a atenção por sua quantidade de elementos e cores diferentes. Traz o retrato de uma figura feminina que disputa espaço com os produtos diversos que vão desde brinquedos aos eletrodomésticos a serem produzidos pelas indústrias nas ZEEs, à quadros e objetos decorativos que possuem estilos artísticos geométricos muito influenciados pela arte ocidental.

É notável que a mulher ganha destaque no cartaz graças ao alto contraste causado entre a roupa excepcionalmente branca e a mistura de tantas cores vibrantes dos objetos. Ao unir a vestimenta – semelhante a um fardamento pelo seu teor formal e a pequena numeração inscrita – junto ao movimento das mãos e da cabeça – como indicativo de introdução e/ou oferta dos produtos –, é possível considerar que o cartaz representa uma vendedora em uma loja de departamento. É possível ainda, visualizar a figura em movimento pelo espaço, apresentando toda aquela variedade ao observador do cartaz.

Aqui, novamente, é possível notar a referência à delicadeza, associada à feminilidade: as mãos – ponto de destaque bastante frequente nos cartazes da década –, é formada por dedos finos e alongados e a vendedora possui uma maquiagem leve, cabelos arrumados e parece bem jovem. O título do cartaz parece instruir normativas a serem seguidas por seu setor, os recomendando a paciência com os clientes, mesmo que estes fiquem indecisos e, compreensivelmente, fiquem indecisos diante daquele maravilhoso mar de opções.

Assim como na figura 11, os produtos retratados na figura 12 estão postos enquanto diretos representantes da modernidade, em especial a televisão, que “passou a ser visto como o símbolo máximo do sucesso da tecnologia e a sua presença nas casas das pessoas era uma indicação de prosperidade econômica pessoal.”<sup>75</sup>

Ainda se tratando da mulher no contexto do comércio, outro eixo relevante nos cartazes da década foi o da figura da mulher enquanto garçonete. Geralmente, seguindo a intenção da figura 12, indicavam instruir aquele setor – nesse caso, majoritariamente feminino – a seguir determinadas normas de trabalho, comumente relacionadas ao cuidado com a higiene dos alimentos, limpeza e organização do ambiente, como podemos ver no cartaz a seguir.

---

<sup>75</sup> LANDSBERGER, 2020, *op. cit.*, p. 10.

**Figura 13 – “Tratar os clientes com educação, ser entusiasta e atencioso, envolver-se no comércio de forma culta”. Cartaz, 1983.**



**Fonte:** <https://chineseposters.net/posters/e13-271>

Na figura 13, a mensagem ‘envolver-se no comércio de forma culta’ no título, indica a forma que mulher deve estar inserida nesse contexto. Uma garçonete – que também pode ser lida como cozinheira – com maquiagem leve, rosto fino e pele pálida possui uma expressão alegre – como instrui o título –, serve a mesa com uma refeição farta que conta com diversos pratos prato e o seu olhar simula que o cliente é quem observa o cartaz.

Uma leitura adicional sobre a mensagem desses cartazes é a de que, ao se deparar com estes, o público possa perceber o setor de Bens e Serviços, em suas mais diversas categorias, como bem-preparado para o receber a todos, dessa forma aumentando o fluxo de consumo, ou seja, um meio de incentivo econômico.

Por fim, é possível notar que a predominância das mulheres no tema acaba por reforçar a associação histórica das funções do servir e cuidar ao gênero feminino.

### 3.3.3 A Mulher Materna e do Lar

Um dos projetos políticos de maior propagação na década de 1980 na China foi o de controle de natalidade<sup>76</sup>. Tendo em vista o contingente populacional colossal já na casa dos 800 bilhões e que crescia em velocidade maior do que as medidas políticas conseguiam dar conta, a partir de 1970 e especialmente no início da década de 1980, o controle de nascidos foi a solução imediata adotada pelo Partido para frear o aumento populacional.

Propagandas políticas a nível nacional buscavam informar sobre métodos contraceptivos, incentivar o casamento tardio e mostravam famílias menos numerosas associadas a um maior prestígio e modernidade, dessa forma as famílias que tinham muitos filhos passavam a sofrer estigma social. Em 1979, a política de colocar um limite máximo de um filho por casal começou a ser posta em prática, sendo penalizadas com multas as famílias que tivesse mais de um. A medida surtiu grande resultado na diminuição de natalidade, porém “trouxo efeitos desastrosos para a sociedade chinesa”<sup>77</sup>.

A política não foi bem-vista socialmente, especialmente pelos camponeses, que tem a capacidade de produção e sustento diretamente proporcional ao número de pessoas na família, ou seja, de mão de obra disponível, para trabalhar no campo. Por conta disso, o grupo passou a ser uma exceção à regra podendo ter até um segundo filho, porém somente caso o primeiro tivesse nascido com alguma deficiência ou fosse menina, medida que se somou num escalonamento do infanticídio de bebês do último grupo.

A aplicação coerciva dessa política à saúde reprodutiva das mulheres exacerbou a discriminação e a violência contra crianças do sexo feminino, o que apontava para a permanência de aspectos do pensamento patriarcal confucionista<sup>78</sup>, no qual a mulher tinha seus direitos básicos negados e era colocada em situação de inferioridade extrema em relação ao homem cujo, enquanto cerne da família, era responsável por sustentar não apenas esposa e filhos, mas também os pais na velhice, o que fez com que historicamente filhos meninos fossem preferíveis.

Como uma das medidas tomadas a partir desse quadro, o PCCh – ainda que não mudasse as regras da política –, investiu num tipo de propaganda que unia a

---

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 78.

<sup>77</sup> PROZCZINSKI, 2019, *op. cit.*, p. 219.

<sup>78</sup> *Ibidem*.

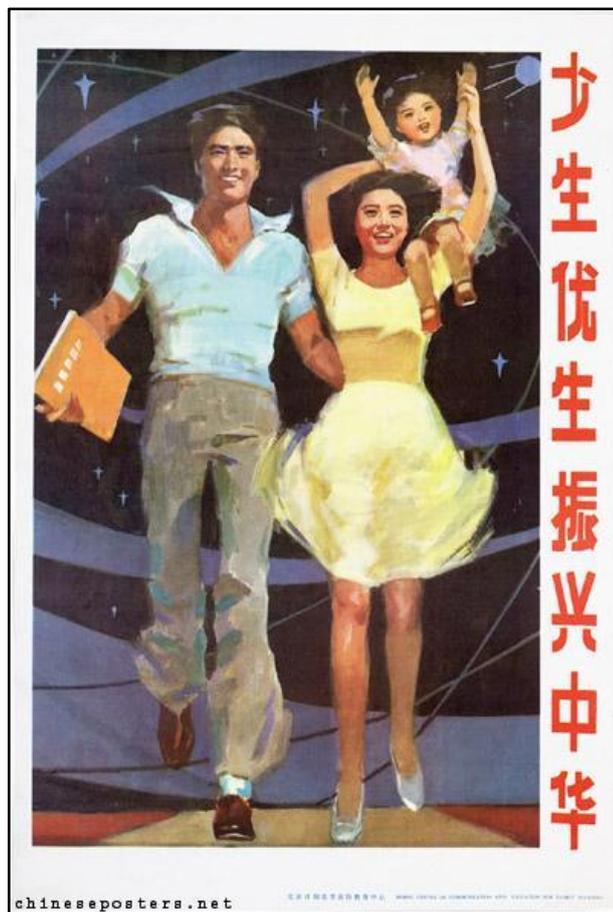
mensagem de controle da quantidade de filhos à tentativa de mudar o estigma da população em relação às meninas. Como pode ser interpretado analisando as figuras 14 e 15, a mensagem era de que tudo bem se o único filho for uma menina, afinal elas são tão inteligentes, capazes e tão importantes quanto os meninos para o avanço da nação.

**Figura 14 – “Minha mãe deu à luz somente a mim”. Cartaz, 1987**



**Fonte:** <https://chinese posters.net/posters/pc-198a-010>

**Figura 15 – “Menos nascimentos, melhores nascimentos, para desenvolver vigorosamente a China”. Cartaz, 1987**



**Fonte:** <https://chinese posters.net/posters/e13-871>

Diante de tal contexto social e político, é possível interpretar que as figuras 14, 15 e 16 possuem a mesma intenção em transmitir e influir a felicidade que se deve haver ao ter uma menina como filha única e, como anunciados em seus títulos, a importância do reforço dessa política para a prosperidade da família enquanto instituição e da nação como um todo. As roupas e cabelos esvoaçantes trazem uma ideia de liberdade, leveza e, somado aos sorrisos, certeza sobre aquela escolha.

Também é possível notar a definição clara dos gêneros tradicionais das figuras por meio da sua vestimenta – inclusive de influência estrangeira – somado ao destaque dado à feminilidade nas duas figuras femininas através, além da roupa, de adereços e maquiagem, comum da representação feminina do período, como visto em pontos anteriores do capítulo.

Ao comparar as três figuras dentro desse tema é possível também notar uma divisão de funções relacionadas ao gênero. Em todos os cartazes da campanha

analisados, a mulher é a responsável direta pela criança, por seus cuidados e educação (figura 16).

Sendo assim, ao menos nos cartazes, cabia à mulher a função de fornecer uma educação de qualidade às novas gerações da sociedade chinesa, mais uma vez representadas enquanto figuras-chave para o desenvolvimento nacional socialista moderno.

Embora o PCCh esteja ansioso para ver reduzido o número de crianças que nascem através do planeamento familiar, está também extremamente preocupado que essas crianças que nascem sejam inculcadas com valores e padrões de comportamento conducentes à estabilidade social e à modernização.<sup>79</sup>

Ainda na figura 15, é possível notar um caderno sob posse da figura masculina, que pode ser interpretado como um incentivo ao conhecimento intelectual/científico, algo amplamente explorado no período por conta da política das Quatro Modernizações. Com a outra mão, esse personagem apoia as costas da figura feminina, um gesto que pode indicar seu dever em proteger e prover àquela família e, por fim, ele caminha para frente, em direção ao avanço que suas escolhas e atitudes proporcionarão.

---

<sup>79</sup> JACKA, 2014, *op. cit.*, p. 64. Tradução própria.

**Figura 16 – “Expectativas”. Cartaz, 1987**



**Fonte:** <https://chineseposters.net/posters/e15-519>

No cartaz 16, tanto quanto através da ambientação quando da vestimenta do avental, é possível ver reforçada uma relação direta entre a mulher adulta e os cuidados com o lar e família. Enquanto figura materna ela assiste (em ambos os sentidos) sua filha tocar violino e, como o título destaca, existe uma expectativa sob a criança. Essa expectativa pode ser lida de diversas formas, dentre as quais, tanto partindo da mãe para a criança em relação ao domínio do instrumento, quanto da sociedade sob a mãe, em seu papel de guiar a formação da sua filha.

Elencando os pontos positivos das políticas do controle de natalidade para as mulheres do período, Prozczinski<sup>80</sup> discorre que o nível educacional aumentou significativamente e as famílias, agora com apenas um único filho, passavam também a valorizar as meninas e investir pesadamente no seu futuro. O incentivo à educação sempre foi uma política basilar do PCCh, amplamente e fortemente posta em prática

---

<sup>80</sup> PROZCZINSKI, 2019, *op. cit.*, p. 223.

de diversas formas em diferentes períodos. Nos anos de 1980, a busca e dedicação aos estudos continuava a ser associado diretamente ao sucesso do desenvolvimento nacional. Dessa forma, é viável ler o violino enquanto uma referência à essa dedicação aos estudos e à intelectualidade tão valorizadas.

Talvez um dos pontos mais marcantes do cartaz seja a aparência das duas personagens: rostos acentuados por uma maquiagem notável, roupas, acessórios e estilo de cabelo de influência ocidental. Além disso, a figura feminina adulta se porta sentada com as pernas e mãos juntas, algo que comunica uma imagem delicada e composta.

Por fim, através dos detalhes da casa, é possível identificar a representação de uma família com condições financeiras significativas, residindo em um ambiente urbano, visto a partir dos prédios ao fundo, gerando uma associação direta entre modernidade e prosperidade à esfera urbana, à importância da família com filhos únicos e ao incentivo ao estudo.

#### 3.3.4 As Meninas e a Intelectualidade

Uma das políticas foco das Quatro Modernizações foi o amplo incentivo à ciência e qualificação da população, essenciais para o sucesso da nova modernização da RPC. O tema que valorizava o aprendizado, a busca intelectual e o amor ao estudo surge como um dos eixos temáticos mais difundidos pelos cartazes de propaganda daquela década, em sua maioria almejando alcançar crianças e jovens (notoriamente pessoas ‘em formação’ social e que fariam o processo de modernização ser bem-sucedido<sup>81</sup>) e, em menor quantidade, outros grupos demográficos, como o dos trabalhadores das indústrias. A mensagem passada pode ser lida como um forte incentivo ao autoaperfeiçoamento através da ciência e tecnologia.

---

<sup>81</sup> LANDSBERGER, 2020, *op. cit.*, p. 12.

**Figura 17 – “Lendo livros para a ascensão da China”. Cartaz, 1984**



**Fonte:** <https://chinese posters.net/posters/e37-381>

Meninas jovens demonstrando dedicação e estima aos estudos (figuras 17 e 18) iam gradativamente tomando conta dos cartazes e se tornando uma das imagens de propaganda símbolo da década, geralmente buscando igualar a intelectualização à modernidade com um ar de esperança em um futuro próspero.

A figura 17 traz em primeiro plano uma jovem estudante exemplar (identificada pelo adorno do lenço vermelho<sup>82</sup>) que segura com posse e delicadeza feminina (reforçada pelas flores e maquiagem) um livro de ciências. Guiada por elementos que traçam linhas imaginárias para cima, com um sorriso e olhos brilhantes ela ergue seu olhar na mesma direção: o futuro.

O conjunto dá indícios de que sob posse desse conhecimento/intelectualização se dá a esperança para um caminho próspero, ideia acentuada através dos diversos elementos espaciais ao fundo (satélites, avião e foguetes sob um céu estrelado) que representam o avanço e prestígio que viriam a partir de uma elevação a potência espacial. Um destes elementos, inclusive, é carregado por outro jovem estudante em menor evidência: um menino, que, junto à personagem em destaque, parece sustentar esse futuro promissor. Tal sucessão de fatores se mostra como justificativa para a grande festa expressa pela presença de fogos de artifício despontando da Cidade

<sup>82</sup> Ver nota de rodapé 39 no ponto 2.3.1.

Proibida – complementando o ar feliz e inspirador do cartaz –, local onde fora proclamada a Revolução de 1949, ou seja, representando a RPC como um todo.

É possível identificar os mesmos simbolismos na figura 18, intitulada “Estudar para a pátria mãe”, que traz uma estudante, aparentemente, mais nova que a da figura 17, mostrando a propagação daquele ideal às diferentes idades.

**Figura 18 – “Estudar para a pátria mãe”. Cartaz, 1986**



**Fonte:** <https://chinese-posters.net/posters/e13-412>

Naves espaciais, diferentes planetas, foguetes e um céu azul escuro que alude à exploração do espaço: o tema espacial era muito comum não apenas na arte, mas também na literatura desse período, e não era por acaso: apesar dos primeiros projetos e testes espaciais chineses datarem dos anos 1950<sup>83</sup>, evoluindo ao longo das décadas, foi sob a gestão de Deng Xiaoping que o espaço recebeu o status de mais

<sup>83</sup> ACUTHAN, Jayan. **China's Outer Space Programme: Diplomacy of Competition or Co-operation?**. China Perspectives, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/chinaperspectives/577>. Acesso em: 21 dez. 2023

alta prioridade no programa tecnológico dentro do programa das Quatro Modernizações, levando a conquista do lançamento do primeiro satélite de comunicação geossíncrono com total alcance de um foguete intercontinental<sup>84</sup>.

Nos cartazes de propaganda o PCCh adotou o tema espacial através de tons azulados, alta tecnologia e grandiosos equipamentos na maioria dos seus cartazes do período. Além dos usuais foguetes e satélites, a figura 18 traz curioso desenho de naves espaciais e outros astros celestes como saturno, dando dimensão da visão grandiosa dos planos chineses, frente ao clima competitivo da corrida especial mundial. Já em terra, os elementos não ficam para trás em grandiosidade: sob a sobra de guindastes e outros equipamentos de construção são erguidas construções imponentes como arranha-céus, uma usina hidrelétrica<sup>85</sup> e a própria muralha da China – símbolo que pode ser lido como uma das referências ao nacionalismo dentro do cartaz –, trazendo uma ideia de um futuro moderno e próspero em desenvolvimento a partir da busca pelo estudo/aprimoramento individual.

A mensagem era difundida como prioridade no ambiente escolar para crianças e jovens e, direta ou indiretamente, também chegava a quem era responsável por seus cuidados: seus responsáveis. Neste caso, muito provavelmente as mães (3.3.3) ou outras figuras femininas como avós e professoras, figuras essenciais para que essa geração seguisse no caminho “ideal”.

O governo chinês atribui grande importância ao papel significativo das atividades espaciais na implementação da estratégia de revitalização do país com ciência e educação e de desenvolvimento sustentável, bem como na construção econômica, segurança nacional, desenvolvimento científico e tecnológico e progresso social. O desenvolvimento de atividades espaciais é encorajado e apoiado pelo governo como parte integrante da estratégia de desenvolvimento abrangente do estado<sup>86</sup> (ACUTHAN, 2006)

### 3.3.5 A Nova Mulher na Nova China

O novo fluxo cultural estrangeiro que adentrou na China a partir das políticas de modernizações, dentre outros aspectos, influenciou a sua arte a partir de uma

---

<sup>84</sup> *Ibidem*.

<sup>85</sup> Alguns anos depois do ano do cartaz, já na década seguinte, a RPC daria início a construção da maior usina hidrelétrica do mundo (em termos de capacidade instalada) até os tempos atuais, a usina das Três Gargantas, localizada em Hubei.

<sup>86</sup> *Ibidem*.

maior abrangência de estilos artísticos e de conteúdo. O Realismo Socialista chinês de outrora, com foco nas massas camponesas, abria espaço para outros aspectos e cenários possíveis na vida dos trabalhadores.

Essas “ilustrações normativas de ordem social, segurança no trânsito, controle de natalidade e publicidade de produtos chineses e estrangeiros”<sup>87</sup>, serviam de apoio ao exercício político do PCCh afim de educar, instruir, informar e propagar ideais. Dentro disso, a imagem da Nova Mulher chinesa se apresenta como um importante veículo na propagação de determinadas mensagens na Nova China. Nesse momento estavam pouco relacionadas à indústria ou ao campo e mais ao lar, cuidados e normas sociais.

Além disso, os cartazes da década mostram figuras cada vez mais femininas indicando uma sociedade com referenciais de beleza bem definidos. Essas mulheres, fossem atreladas ao consumo dos bens e serviços que chegavam na China através das bem-sucedidas ZEEs, fosse através da feminilidade representada pelas roupas e maquiagem de influência estrangeira, fosse através da busca incessante pelo aperfeiçoamento intelectual, simbolizavam o rosto da modernidade e da inovação, ou seja, da Nova Era da RPC.

---

<sup>87</sup> LANDSBERGER, 2020. *op. cit.* p,78.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a década de XX, a China passou por revolucionárias transformações e avanços sociais, econômicos e políticos, contexto que viabilizou a emancipação da mulher chinesa após séculos de profunda opressão. A igualdade de gênero e a garantia dos direitos das mulheres permeia as bases ideológicas formadoras do PCCh, sendo fatores essenciais para a transição à sociedade socialista e associados diretamente com o progresso e a quebra com um passado tido enquanto atrasado.

As mulheres estiveram como agentes atuantes diretas de suas próprias transformações e ocupando um papel de suma importância enquanto uma das forças mais operantes no estabelecimento da RPC e formação da nova sociedade chinesa.

A propagação de novas ideias, tendências, influência e arte tiveram os cartazes chineses como seu porta-voz ao longo da história da China, mas foi em meio a empreitada da revolução do PCCh e com o estabelecimento da RPC, que estes asseguraram sua posição enquanto o principal meio de disseminação de ideais políticos, fosse para informar, incentivar, incitar ou repelir. De forma geral – dentro da amostra do estudo –, a mensagem nos cartazes sempre aponta para a ideia de reconstrução, desenvolvimento e chegada da nação à modernidade (cuja sempre reforçada como positiva), o que indica que a ampla representação e protagonismo feminino encontrados neste meio é de alguma forma significativa para o sucesso da transmissão da mensagem, especialmente tendo em vista que os cartazes priorizavam a rápida assimilação das ideias através da imagem contida nestes, tendo em vista um histórico de altos índices de analfabetismo na população.

Nos anos 50, década de formação da RPC, as mulheres estavam majoritariamente representadas associadas às temáticas de ocupação de postos de trabalho, o que denota um incentivo ao aumento da força produtiva, política essencial no desenvolvimento econômico e social a partir do sistema de industrialização que se estabelecia. Considerando a política estatal da RPC em relação às mulheres, a ocupação desses postos por esse grupo estava em associação direta à sua emancipação, muitas vezes incentivadas a trabalhar em cargos socialmente significados como masculinos, aparecendo nos cartazes trajando roupas que representavam a igualdade de funções e destacando a sua capacidade em exercer as mesmas habilidades dos homens.

No entanto, ao mesmo tempo – ainda sob um tom de bastante prestígio – eram representadas extensivamente exercendo seu ofício na indústria leve e no trabalho doméstico, este último posto enquanto uma atividade a ser realizada por si após o trabalho fora de casa ou enquanto próprio trabalho, como é o caso das mulheres que trabalhavam em creches e das sogras, designadas aos cuidados das crianças e/ou do lar enquanto os progenitores exerciam seu ofício normalmente no campo ou em fábricas, dois dos motores da nova economia chinesa.

A questão do ambiente doméstico é trazida por Jacka como ponto importante nas formulações de gênero na China, tendo o PCCh se espelhado na abordagem soviética para a formação de sua própria ideologia: “Assim, considerou em primeiro lugar que, como argumentou Engels, a libertação das mulheres depende do seu envolvimento na produção não-doméstica [trabalho externo] e da redução da sua carga de trabalho doméstica”<sup>88</sup>. Ainda assim, essa função aparece nos cartazes sob responsabilidade particular das mulheres, ao passo que não é possível perceber uma transferência ou divisão desse dever com os homens. Esse é um ponto que pode ser vislumbrado nos cartazes de propaganda em menor ou maior grau na comparação das duas décadas. Em determinados períodos, a participação das mulheres fora do ambiente doméstico e o embate a estruturas opressivas eram ativamente encorajadas, em outros momentos menos, como foi o caso da década de 1980.

Na Era das Quatro Modernizações em 1980, é possível notar a divisão da figura feminina em dois tipos: a primeira na figura de jovens estudantes de aparência delicada, com um ar determinado, esperançoso e sonhador em busca do conhecimento e frequentemente cercadas por símbolos relacionados à tecnologia e a prosperidade que vem a partir destes. Na segunda figura está um reforço da divisão do trabalho por gênero, onde uma mulher feminina, delicada e bem-produtora, é responsável pelo zelo e ato de servir: com o lar, com os estudos da criança, com o planejamento familiar. Ellas são donas de casa, garçonetes e vendedoras de produtos modernos ou, em menor número, trabalhadoras da indústria leve.

Essa Nova Mulher, se tornava o exemplo da nova década, adornada por símbolos de modernidade (maquiagem, roupa, produtos e estilo artístico) de influência estrangeira que entrava novamente na China a partir dos efeitos da Política de Abertura econômica.

---

<sup>88</sup> JACKA, 1997, *op. cit.*, p. 27.

Um dos pontos que mais diferencia os cartazes de propaganda que retratam as mulheres nos dois períodos é a mudança dos grupos e cenários nela representados: nos anos 1950 as massas populares compostas por trabalhadoras camponesas, operárias e militares eram o foco das políticas e de representação nas artes, buscando incentivar toda a população a trabalhar pela consolidação da causa e seu desenvolvimento, ponto reforçado visualmente pelas cores predominantemente quentes. Nos anos 1980, com a RPC já estabelecida, o foco estava em um estilo de vida cosmopolita, se afastando do tom heroico e militante e, por meio da adoção de tons mais frios, um amplo retrato de prédios, lojas e construções, além do incentivo ao consumo de produtos e a um modo de vida mais culto e educado (como vemos nos cartazes normativos sobre a higiene e nos cartazes que valorizavam a intelectualidade e o desenvolvimento tecnológico e individualizado) e também da clara diminuição do quantitativo de pessoas nos cartazes, trazendo, em sua maioria, uma só figura ou um núcleo familiar primário.

O foco econômico em áreas urbanas nos anos de 1980, inclusive, também reflete nos cartazes a partir de uma quase inexistente representação de camponesas, e, tendo em vista que a maior parte da população ainda era formada por esse grupo e que nesse momento também era feita no campo uma inserção tecnológica com sucesso, a sua falta nos cartazes pode ser interpretada como uma sub-representação para dar vez a esse ideal moderno e de avançado urbano<sup>89</sup>.

Comparando as duas décadas, é possível notar imagens que divergem de um lado, mas se aproximam de outros, trazendo uma mulher sob diferentes perspectivas, fosse quebrando estereótipos de gênero ou os mantendo, a fim de comunicar determinada política, mas sempre em um tom esperançoso e positivo. Isso reforça que suas representações nos cartazes seguiam primordialmente o contexto econômico/político, podendo ou não representar a sua realidade e/ou aspirações.

---

<sup>89</sup> Em "Rural Women in Urban China: Gender, Migration, and Social Change, 2006" Jacka realiza uma extensa pesquisa baseada em entrevistas com mulheres camponesas que migravam para os centros urbanos em busca de trabalho nas indústrias, a fim de entender as complexidades de suas realidades antes e após a migração. O ideal da década de 1980 que relaciona o urbano ao moderno e o ambiente rural ao atraso aparece na pesquisa de Jacka enquanto um conceito social consolidado, ao menos nos centros urbanos. Um dos efeitos desse pensamento se traduz em estigmatizações sob as jovens camponesas recém-chegadas nas fábricas, que sofriam com comentários sobre o seu dialeto e local de origem, acabando por ocupar posições mais baixas das que vinham de províncias próximas aos centros urbanos. Por conta disso, passavam a almejar uma "elevação social" conquistada através de uma adequação ao ideal de beleza cosmopolita moderno representado pela feminilidade, atingida pelo consumo de roupas e maquiagem e por um modo "certo" de falar e agir.

Chen<sup>90</sup> concorda que em parte dos cartazes de 1950 existe uma associação do trabalho atrelada ao gênero e que não é possível identificar uma definição clara sobre a narrativa da ideologia de gênero do Partido, porém, isso se torna pequeno diante da quantidade dos cartazes que problematizam essas visões simplistas de gênero ao retratar, por exemplo, mulheres tomando a frente de exércitos e da indústria, como através a condução de grandes maquinários. A “simples” representação de fato inspirou mulheres e representou uma integração real das mesmas em esferas de trabalho relacionadas tradicionalmente a homens, algo que foi “particularmente disruptivo em termos de categorias de especialização, produtividade e modernização de gênero”<sup>91</sup>.

Deste modo, é possível entender que as representações das figuras femininas nos cartazes de propaganda da RPC podem retratar aspectos da sociedade, mas que seu objetivo principal não era a sua representação fidedigna e sim a idealização a partir desta, a fim de informar, direcionar ações e propagar políticas e ideais para que tivessem ampla aceitação e resultado.

O que permanece imutável nos períodos tratados é a relação direta da imagem feminina como representante de uma ideia positiva de modernidade. O protagonismo das meninas e mulheres nos cartazes por si só remetia a questões como a igualdade de gênero que estavam sendo debatidas e/ou conquistadas, sendo este um subtexto de progresso que era atrelado diretamente às temáticas mais amplas que o cartaz tratava, fosse de cunho econômico ou social.

Em outras palavras, o fato de as mulheres protagonizarem a sua própria revolução e as quebras de paradigmas sociais que vinha com esse movimento, em si mesmo elevava a sua imagem a um simbolismo de mudança, do novo, do positivo e do avanço em todos os sentidos. Fosse nos anos 1920-30, 1950 ou 1980, seja através de sua pose, de sua vestimenta e estilo, do objeto que segurava, da ação que realizava, da mensagem que anunciava: o conjunto de símbolos estava sempre a remeter a uma sociedade almejada. A mensagem geral era sempre a de que estariam agora a construir uma sociedade próspera, forte, com um lugar de prestígio para todos e todas.

---

<sup>90</sup> CHEN, 2003, *op. cit.*, p. 289.

<sup>91</sup> *Ibidem*.

Com o surgimento de uma era moderna de cultura visual, o corpo feminino se tornou um símbolo visual de suma importância para transmitir valores sociais e construir a identidade feminina, e pode ser percebido como uma matriz complexa que compreende codificadores visuais estéticos e semióticos, como imagem corporal e moda.<sup>92</sup>

Finalmente, os cartazes de propaganda das décadas de 1950 e 1980 na China se apresentaram enquanto uma fonte de estudo poderosa, na qual, a partir de uma contextualização de seus elementos – ou a falta deles –, é possível formar uma síntese visual de seu tempo, acessando uma janela de observação e entendimento a nível micro e macro da sociedade chinesa em um período de transformações revolucionárias. À exemplo, no presente estudo, foi possível constatar o profundo impacto social da emancipação feminina na sociedade chinesa por meio do poder de comunicação que carregava a sua figura, sendo escolhida deliberadamente em momentos e contextos diferentes para representar o avanço e mobilizar a nação.

---

<sup>92</sup> ZHOU, *op. cit.*

## REFERÊNCIAS

- ACUTHAN, Jayan. **China's Outer Space Programme: Diplomacy of Competition or Co-operation?**. China Perspectives, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/chinaperspectives/577>. Acesso em: 21 dez. 2023
- ARNHEIM, R.; TEREZINHA, I.; VICENTE DI GRADO. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- BARBOSA, M. **I Plano Quinquenal e a ascensão da indústria na China**. In: Caravana ANPUH 25 anos - Diálogos entre o ensino e a pesquisa, 2015, Recife. Disponível em: [http://www.pr.anpuh.org/resources/download/1461882313\\_ARQUIVO\\_01.BARBOSA\\_MateusRicardo.pdf](http://www.pr.anpuh.org/resources/download/1461882313_ARQUIVO_01.BARBOSA_MateusRicardo.pdf) [...]. [S. l.: s. n.]. Acesso em: 05 jun. de 2023
- BURKE, P.; XAVIER, M. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- MORENO, Tica. O Movimento 4 de Maio e a emancipação das mulheres na China. In: Capire. **Capire**. 2023. Disponível em: <https://capiremov.org/experiencias/o-movimento-4-de-maio-e-a-emancipacao-das-mulheres-na-china/>. Acesso em: 28 ago. de 2023.
- CHEN, Tina. **Female Icons, Feminist Iconography? Socialist Rhetoric and Women's Agency in 1950s China**. Gender History, v. 15, n. 2, p. 268–295, ago. 2003.
- CHETIOUI, Najoua, 2021. **Female Soldiers Throughout Chinese History**. Disponível em: <https://www.europeanguanxi.com/post/female-soldiers-throughout-chinese-history>. Acesso em: 28 jul. de 2023.
- Creating China Visually: Collecting Chinese Propaganda Posters**. Disponível em: <https://hir.harvard.edu/creating-china-visually/>. Acesso em: 05 jun. de 2023
- DABAT, Christine. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839 - 1949)**. Editora Universitária UFPE, 2002.
- Dabat, Christine, 2011. **A transferência dos conceitos de feudalismo e de modo de produção feudal a regiões não-europeias**. Cadernos De Estudos Sociais, 11(2). Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1169>. Acesso em: 10 ago. 2023
- DANTAS, Valná. **Mulher revolucionária: representações conflitantes**. In: AVIA! SEMANA DE DESIGN, 2018, Maceió. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/avia/avia-2018/trabalhos/mulher-revolucionaria-representacoes-conflitantes?lang=pt-br>. Acesso em: 19 mar. 2023.
- GIORCELLI, Michela; BO, Li. **Technology Transfer and Early Industrial Development: Evidence from the Sino-Soviet Alliance**. National Bureau of Economic Research of Cambridge, 2021.

GILMARTIN, C. K. **Engendering the Chinese Revolution: Radical Women, Communist Politics, and Mass Movements in the 1920s**. University Press of California, 1995.

JACKA, T. **Rural Women in Urban China: Gender, Migration, and Social Change**. Hoboken: Taylor and Francis, 2006.

JACKA, Tamara. **Women's Work in Rural China: Change and Continuity in an Era of Reform**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LANDSBERGER, S. **Chinese propaganda posters: From revolution to modernization: From revolution to modernization**. Londres, Inglaterra: Routledge, 2020.

LI, Xiaolin. "Chinese Women in the People's Liberation Army: Professionals or Quasi-Professionals?" *Armed Forces & Society* 20, no. 1 (1993): 69–83. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/45346560>. Acesso em: 07 ago. 2023

MEISNER, M. **Mao's China and after: A history of the People's Republic**. Nova Iorque, Nova Iorque: Free Press, 1999.

OLIVEIRA, Amaury. **A China em Busca da Terceira Reforma Agrária**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. [s.d.]. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/portodeoliveirachina.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2023

PARNOV, Edelson. **Novas mulheres para uma China nova? As representações de gênero das legislações e dos pôsteres de propaganda do início da transição chinesa ao socialismo (1949-1962)**. Universidade Federal Fluminense, 2020. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2433.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2023.

PROZCZINSKI, Danielle. **A construção da mulher na China: submissão e feminicídio**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017 Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499461322\\_ARQUIVO\\_DanieleProzczinski\\_Aconstruc\\_%23807\\_a\\_%23771\\_odamulhernaChina.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499461322_ARQUIVO_DanieleProzczinski_Aconstruc_%23807_a_%23771_odamulhernaChina.pdf). Acesso em: 04 fev. 2023.

PROZCZINSKI, Danielle. **As Quatro Gerações do Partido Comunista Chinês: Mídia e Cartazes De Propaganda**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215136/PHST0652-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 fev. 2023.

RAMOS, Bruna. **Modernidade na lata: O impacto do consumo dos leites enlatados em virtude de um modelo de modernidade no Recife (1950/1964)**. 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

**Realismo Socialista.** *In:* Editores da Enciclopédia Itaú Cultural. **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.** São Paulo: Itaú Cultural, 2015. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termos/79957-realismo-socialista>. Acesso em: 03 jun. 2023.

WANG, B. **Finding Women in the State: A Socialist Feminist Revolution in the People's Republic of China, 1949-1964.** University of California Press, 2016.

Women Drive Trams in Peking. **China Reconstructs.** n. 1, jan-fev, 1952. Pequim: China Welfare Institute. p. 34. Disponível em: <https://www.marxists.org/subject/china/china-reconstructs/1952/CR1952-01-sm.pdf> Acesso em: 10 nov. 2024.

ZHOU, Duanduan. **Re-examining Shanghai Calendar Girls.** *In:* Ying Xiang 映象 Journal. **Ying Xiang 映象.** Disponível em: <https://ying-xiang.org/articles/re-examining-shanghai-calendar-girls-gendered-modernity-and-media-parallax>. Acesso em: 15 jun. 2024.